

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Johnnatan Ivens Antunes Nascimento

A evolução do elemento indo-europeu *-sk-*: Assimetria e Gramaticalização

Belo Horizonte, 2015.

Johnnatan Ivens Antunes Nascimento

**A evolução do elemento indo-europeu *-sk-*: Assimetria e Gramaticalização**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudos em Sintaxe Formal

Orientador: Lorenzo Teixeira Vitral

Belo Horizonte  
Universidade Federal de Minas Gerais  
2015

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

N244e Nascimento, Johnnatan Ivnes Antunes.  
A evolução do elemento indo-europeu *-sk-* [manuscrito] :  
Assimetria e Gramaticalização / Johnnatan Ivnes Antunes Nascimento .  
– 2015.  
96 f., enc.: il., tabs.  
Orientador: Lorenzo Teixeira Vitral.  
Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.  
Linha de Pesquisa: Estudos em Sintaxe Formal.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais,  
Faculdade de Letras.  
Bibliografia: f. 87-96.

1. Língua portuguesa – Gramaticalização – Teses. 2. Gramática comparada e geral – Sintaxe – Teses. 3. Assimetria (Linguística) – Teses. 4. Língua portuguesa – Verbos – Teses. I. Vitral, Lorenzo Teixeira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.5

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Lorenzo Teixeira Vitral, pela caminhada desde 2011, após me introduzir ao fascinante fenômeno da gramaticalização e à sintaxe gerativa, e desde então vir me auxiliando na minha formação como linguista, com boas observações, respeito e liberdade.

Agradeço aos professores da Faculdade de Letras da UFMG, que me ajudaram nessa caminhada, especialmente: Eunice Nicolau, Fábio Bonfim Duarte, Jânia Ramos, Seung Hwa Lee, Tommaso Raso, Mário Alberto Perini, Márcia Cançado, Heliana Mello, Alécia Teles Duchowny e Thaís Cristófaros Alves da Silva.

É necessário agradecer pelo apoio e afeto aos amigos que me acompanham desde os tempos da escola e àqueles que foram aparecendo ao longo da trajetória até aqui: Luíza, Rodrigo, Lucas, Vinícius, Mateus, Rafaela, Darla, Maria, Fernanda e Marcella - esta um verdadeiro anjo.

À minha família.

Aos alunos, pela oportunidade de caminharmos juntos.

À Naíla, pelo amor-guia ao longo de todo o mestrado, apoiando, incentivando e incitando novas descobertas e novos olhares para o mundo. χαλεπὰ τὰ καλά.

À CAPES, pela bolsa que me permitiu dedicação ao mestrado e à Faculdade de Letras, especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

*“Without a theory, the facts are silent.”*

Friederich Hayek

## RESUMO

Esta dissertação descreve diacronicamente o percurso do sufixo indo-europeu *-sk-*, a partir de seus desenvolvimentos nas línguas indo-europeias e com enfoque nas línguas românicas, em especial o português brasileiro. Pretende-se demonstrar relação evolutiva entre *-sk-* e o sufixo latino *-sc-*, que ocorria em verbos incoativos/causativos. A partir disso, foca-se na relação entre *-sc-* e a parassíntese em português, processo em que um sufixo e um prefixo se unem ao verbo e correspondem a um único morfema, como nos verbos ***envelhecer*** e ***embranquecer***. Essa relação conecta o sufixo latino *-sc-* ao português *-c-*, presente na parassíntese. Finalmente, quanto à etapa descritiva do trabalho, abordam-se os verbos como *branquear* e *endoidar*, formados a partir das mesmas raízes que *embranquecer* e *endoidecer*, e possuindo o mesmo significado. A partir dessas descrições, passa-se à uma parte teórica do texto, focando no desenvolvimento do sufixo latino *-sc-* no português brasileiro, a partir da perspectiva teórica da gramaticalização. Para isso, propõe-se que o sufixo indo-europeu *-sk-* atuava inicialmente como verbalizador e, no latim, especializou-se como sufixo incoativo/causativo, em um processo de gramaticalização. A partir da coocorrência de verbos sufixados com prefixos, como dos verbos *calescere* 'tornar quente' e *incalescere*, de mesmo significado, propõe-se que formas do último tipo, com prefixo e sufixo, propiciaram o surgimento da parassíntese em português. Propõe-se também a existência de um traço [+incoativo], inicialmente concentrado no sufixo e depois compartilhado entre prefixo e sufixo, a fim de demonstrar de que maneira a estrutura parassintética se desenvolveu. Por fim, é levantada a hipótese de que verbos como *endoidecer* foram a fonte para verbos como *endoidar*, graças a um processo que transferiu o traço incoativo do sufixo para o prefixo. Além disso, levanta-se a hipótese de que o mecanismo associado à gramaticalização que permite a relação entre *endoidar* e *endoidecer* é a quebra de simetria. Ele elimina estruturas simétricas da língua, como a parassíntese, em que há dois morfemas para apenas um morfema, já que simetria implica pontos de escolha, desequilibrando o sistema linguístico.

**Palavras-chave:** *Parassíntese, Indo-Europeu, Gramaticalização, Quebra de Simetria*

## ABSTRACT

This text describes diachronically the evolutionary path of the Indo-European suffix *-sk-*, from its development in Indo-European languages, focusing on Romance languages, especially Brazilian Portuguese. It also demonstrates the relationship between *-sk-* and the Latin suffix *-sc-*, which occurred in inchoative/causative verbs. Based on that, the focus is on the relationship between *-sc-* and parasynthesis in Portuguese. It is a process of joining two morphemes representing a single morpheme, as in *envelhecer* 'to grow old' and *embranquecer*, 'to become white'. This relationship connects the Latin suffix *-sc-* to the Portuguese *-c-*, that appears in parasynthetic formations. Finally, in the descriptive part of this work, verbs like *branquear* 'to become white' and *endoidar* 'to become crazy', formed with the same roots that *embranquecer* and *endoidecer* are formed and with the same meaning. From this descriptive section, the text is linked to a theoretical approach, focusing on the development of the Latin suffix *-sc-* into the Brazilian Portuguese, under the Grammaticalization perspective. In order to do so, the evolution of *-sk-* into Latin, generating the inchoative *-sc-* is seen as Grammaticalization. The co-occurrence of the suffixed verbs in *-sc-* and verbs formed with this suffix plus a prefix in Latin, such as *calescere* 'to become hot' and *incalescere*, same meaning, these last forms gave rise to the parasynthetic structures found in Portuguese. A trace [+inchoative] is established. It first existed in the *-sc-* suffix, but later it was shared by the prefix and the suffix, demonstrating how the parasynthesis emerged. Then, the hypothesis that parasynthetic verbs like *endoidecer* were the source to formations as *endoidar*, without suffix is presented. Furthermore, to explain how the prefixed forms are originated from the parasynthetic ones, the symmetry breaking mechanism is approached. Symmetry tends to be avoided, because it propitiates choicepoints. Parasynthetic structures are symmetric, because they exhibit two morphemes for a single morpheme, causing instability to the language system. To eliminate it, the symmetry breaking appears.

**Key words:** Parasynthesis, Indo-European, Grammaticalization, Symmetry Breaking

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Conjugação do Verbo <i>gacchami</i> .....	21
Tabela 2: o verbo <i>sirel</i> no presente do subjuntivo .....	22
Tabela 3: O verbo <i>sirel</i> no aoristo indicativo .....	23
Tabela 4: O verbo <i>sirel</i> no aoristo subjuntivo .....	23
Tabela 5: conjugação do verbo <i>deh</i> no presente do indicativo .....	29
Tabela 6: os verbos <i>a INGRĂMĂDI</i> e <i>a hotări</i> no presente do indicativo .....	37
Tabela 7: Conjugação dos verbos <i>a iubi</i> e <i>a urî</i> no presente do subjuntivo .....	38
Tabela 8: Conjugação dos verbos <i>a iubi</i> e <i>a urî</i> no futuro 2 .....	38
Tabela 9: Conjugação dos verbos <i>a iubi</i> e <i>a urî</i> no futuro 3 .....	39
Tabela 10: Conjugação do verbo <i>finiscia</i> no presente do indicativo .....	40
Tabela 11: Conjugação do verbo <i>capî</i> no presente do indicativo com o sujeito como primeiro elemento da sentença .....	42
Tabela 12: Conjugação do verbo <i>capî</i> no presente do indicativo quando o sujeito não é o primeiro elemento da sentença .....	42
Tabela 13: O verbo <i>capî</i> no presente do subjuntivo .....	42
Tabela 14: Os verbos <i>mandă</i> , <i>tasgêi</i> e <i>lêse</i> no imperfeito do subjuntivo .....	44
Tabela 15: Os verbos <i>mandă</i> , <i>tasgêi</i> e <i>lêse</i> no presente do modo condicional .....	44
Tabela 16: Conjugação do verbo <i>finî</i> no presente do indicativo .....	45
Tabela 17: Conjugação do verbo <i>finî</i> no presente do subjuntivo .....	45
Tabela 18: Conjugação do verbo <i>finî</i> no imperfeito do subjuntivo .....	45
Tabela 19: Conjugação do verbo <i>finî</i> no presente do modo condicional .....	46
Tabela 20: O verbo <i>finî</i> no imperativo .....	46
Tabela 21: Conjugação do verbo <i>fenire</i> no presente do indicativo .....	48



Tabela 22: Conjugação do verbo <i>fenire</i> no presente do subjuntivo.....	48
Tabela 23: Conjugação do verbo <i>dormir</i> no presente do indicativo.....	49
Tabela 24: Conjugação do verbo <i>dormir</i> no imperfeito do indicativo.....	50
Tabela 25: Conjugação do verbo <i>dormir</i> no presente do subjuntivo .....	50
Tabela 26: Conjugação do verbo <i>dormir</i> no imperativo.....	50
Tabela 27: Conjugação do verbo <i>gratular</i> no presente do indicativo.....	51
Tabela 28: Conjugação do verbo <i>finir</i> no presente do indicativo.....	52
Tabela 29: Conjugação do verbo <i>finir</i> no presente do indicativo.....	53
Tabela 30: Conjugação do verbo <i>finir</i> no imperfeito do indicativo .....	54
Tabela 31: Conjugação do verbo <i>finir</i> no presente do subjuntivo.....	54
Tabela 32: Conjugação do verbo <i>finir</i> no imperativo .....	55
Tabela 33: Conjugação do verbo <i>patir</i> no presente do indicativo.....	56
Tabela 34: Conjugação do verbo <i>patir</i> no presente do subjuntivo.....	56
Tabela 35: Conjugação do verbo <i>patir</i> no imperativo .....	57
Tabela 36: Conjugação do verbo <i>capire</i> no presente do indicativo.....	59
Tabela 37: Conjugação do verbo <i>capire</i> no presente do subjuntivo.....	59
Tabela 38: Conjugação do verbo <i>capire</i> no imperativo .....	60
Tabela 39: Conjugação do verbo <i>aparecer</i> no presente e no pretérito perfeito do indicativo .....	61
Tabela 40: Conjugação do verbo <i>finî</i> no presente do indicativo.....	62
Tabela 41: Evolução da negação em inglês e em francês .....	77

## SUMÁRIO

### Sumário

AGRADECIMENTOS.....	4
RESUMO .....	6
ABSTRACT.....	7
LISTA DE TABELAS.....	8
SUMÁRIO.....	10
INTRODUÇÃO.....	13
<b>Capítulo 1: O sufixo -sk- no indo-europeu e em línguas indo-europeias</b>	<b>15</b>
<b>Introdução</b> .....	<b>15</b>
1.    1. O sufixo -sk-.....	15
<b>2. Ramo índico</b> .....	<b>20</b>
<b>2.1. O sânscrito</b> .....	<b>20</b>
<b>3. Ramo armênio</b> .....	<b>21</b>
<b>3.1. O armênio</b> .....	<b>22</b>
<b>4. Ramo grego</b> .....	<b>24</b>
<b>4.1. Grego antigo</b> .....	<b>24</b>
2. <b>5. Ramo anatólio</b> .....	<b>26</b>
2.1. <b>5.1. O hitita</b> .....	<b>26</b>
<b>6. Ramo albanês</b> .....	<b>28</b>
<b>6.1. Albanês</b> .....	<b>28</b>
<b>7. Ramo itálico</b> .....	<b>29</b>
<b>7.1. Latim</b> .....	<b>30</b>
<b>Capítulo 2: O sufixo -sk- nas línguas românicas</b> .....	<b>36</b>
<b>2.1. Romeno</b> .....	<b>36</b>
2.1.1. Os suixos -sc- e -șt-.....	36
<b>2.2. Corsa</b> .....	<b>39</b>
2.2.1. O sufixo -sc-.....	39
3. <b>2.3. Ladino</b> .....	<b>41</b>
2.3.1. O sufixo -sc-.....	41
<b>2.4. Lígure</b> .....	<b>43</b>

2.4.1. O sufixo -sc-.....	43
<b>2.5. Napolitano.....</b>	<b>46</b>
2.5.1. O sufixo -sc-.....	46
<b>2.6. Ocitano.....</b>	<b>49</b>
2.6.1. O sufixo -ss-/-sc-.....	49
<b>2.7. Romanche.....</b>	<b>50</b>
2.7.1. O sufixo -sch-.....	51
<b>2.8. Francês.....</b>	<b>52</b>
<b>2.9. Catalão.....</b>	<b>55</b>
<b>2.10. Asturiano.....</b>	<b>57</b>
2.10.1. O sufixo -c-.....	57
<b>2.11. Italiano.....</b>	<b>59</b>
<b>2.12. Espanhol.....</b>	<b>60</b>
2.13. Friulano.....	62
2.13.1. O sufixo -ss-.....	62
<b>2.14. Português.....</b>	<b>63</b>
2.14.1. O sufixo -c-.....	63
2.14.2. Sobre o sufixo -e- e sua origem.....	64
4.    2.15. Considerações finais do capítulo.....	65
<b>Capítulo 3: Parassíntese e Quebra de Simetria.....</b>	<b>66</b>
<b>Introdução.....</b>	<b>66</b>
<b>3.1. A parassíntese.....</b>	<b>67</b>
3.1.1. A Gramática Tradicional.....	68
3.1.2. Dicionários de Linguística.....	70
3.1.3. Os Morfólogos.....	72
<b>3.2. Quebra de simetria.....</b>	<b>73</b>
<b>3.3. Análise a partir do conceito de traço.....</b>	<b>75</b>
3.3.1. O traço [+incoativo].....	75
3.3.2. Uma visão sobre o traço [+negação] e o Ciclo de Jespersen.....	76
<b>3.4. O sufixo latino -sc- e a quebra de simetria.....</b>	<b>79</b>
<b>3.5. O fenômeno sob a perspectiva da Gramaticalização.....</b>	<b>81</b>
3.5.1. Definições.....	81
3.5.2. A unidirecionalidade.....	83

<b>3.6. Considerações finais do capítulo .....</b>	<b>86</b>
Capítulo 4: Considerações finais .....	87
REFERÊNCIAS .....	89

## INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga o processo de formação morfológica de verbos como *amadurecer* e *envelhecer* na língua portuguesa. São chamados de formas parassintéticas por apresentarem simultaneamente em sua estrutura um sufixo e um prefixo correspondendo a um só morfema. Os verbos assim formados indicam tanto mudança de estado (1a, 2a) quanto uma noção causativa (1b, 2b), a depender do número de argumentos:

- (1) a. A laranja amadureceu.  
b. O calor amadureceu as laranjas.
- (2) a. O João envelheceu.  
b. A solidão envelheceu o João.

As sentenças em (1a, 2a) apresentam apenas um argumento e o verbo indica mudança de estado, ao passo que em (1b, 2b) há dois argumentos e a noção de causatividade, em que o primeiro argumento desencadeia o evento em que o segundo se envolve.

Existem no português brasileiro verbos prefixais ou sufixais com as mesmas raízes dos verbos parassintéticos que exprimem as mesmas noções:

- (3) a. O Luís *endoideceu*.  
b. O Luís *endoidou*.
- (4) a. Ana *embranqueceu* a roupa.  
b. Ana *branqueou* a roupa.

Em (3) e (4), os pares de sentença são sinônimos. Os verbos em (3a, 4a) são parassintéticos (-*en/-em...-c-*), mas, em (3b), existe uma formação prefixal (*en-*) e, em (4b), sufixal (-*e-*).

Esta dissertação possui como principal objetivo descrever em uma perspectiva diacrônica de que maneira a parassíntese emergiu no português brasileiro.

Assim, este trabalho está dividido em duas partes: primeiramente, uma análise diacrônica é realizada, constatando que o morfe *-c-* desses verbos tem sua origem no sufixo latino *-sc-*, por sua vez oriundo do proto-indo-europeu *-sk-*. Diante disso, traça-se um percurso que se inicia no indo-europeu, passando pelo latim até alcançar o português, a fim de relacionar a trajetória evolutiva do sufixo à existência de estruturas parassintéticas nessa língua.

Destaca-se que esta etapa do trabalho se concentra em apresentar diversas línguas românicas, ainda pouco estudadas pelos estudos linguísticos brasileiros, além de se referir às principais famílias linguísticas indo-europeias. Para os objetivos aqui traçados, bem como conforme os limites de uma dissertação, não foi possível elaborar para cada língua aqui abordada uma proposta teórica a partir dos dados levantados.

Argumenta-se que as formas compostas por parassíntese e formas prefixais ou sufixais, como os pares **endoidecer/endoidar** e **embranquecer/branquear**, estão evolutivamente conectadas. A esta etapa correspondem os capítulos 1, sobre o desenvolvimento do sufixo *-sk-* nas famílias de línguas indo-europeias e 2, focando nos desdobramentos morfológicos relevantes a esse elemento no grupo românico.

Frisa-se que este trabalho não se vincula diretamente a nenhum quadro teórico existente dentro dos estudos linguísticos em específico, apenas fornece um tratamento formal ao fenômeno focado. Assim, se necessário for classificar esta dissertação, é possível dizer que é um trabalho de Linguística Formal.

O tratamento teórico que visa a explicar o processo evolutivo previamente descrito concentra-se no capítulo 3. Inicialmente, na seção 3.1., discute-se o conceito de parassíntese a partir das definições de gramáticas tradicionais, dicionários de linguística e obras específicas sobre morfologia. A seção 3.2 apresenta a noção de *quebra de simetria*, processo pelo qual estruturas assimétricas são geradas a partir de estruturas simétricas. Na seção 3.3., propõe-se a existência do traço [+incoativo], para sustentar de que maneira a parassíntese se forma e deixa de existir; há também um paralelo com o Ciclo de Jespersen. Na seção 3.4., articula-se o conceito de quebra de simetria à hipótese do traço [+incoativo], para explicar de

que maneira a parassíntese se formou e evoluiu. Na seção 3.5., estabelece-se a hipótese de que a evolução de *-sk-* para o latino *-sc-* se deu via gramaticalização bem como a evolução da parassíntese em português também ocorreu a partir da gramaticalização. Por fim, o capítulo 4 apresenta as considerações finais desta dissertação.

## **Capítulo 1: O sufixo *-sk-* no indo-europeu e em línguas indo-europeias**

### **Introdução**

Chama-se de indo-europeu o tronco linguístico de que se originaram diversas línguas hoje faladas no mundo inteiro, mas inicialmente concentradas na Ásia e na Europa. Segundo o site Ethnologue<sup>1</sup>, existem atualmente 437 línguas indo-europeias, faladas por cerca de 2,9 bilhões de pessoas, correspondendo a 46,31% do total de falantes no mundo.

Sobre as origens das línguas e povos indo-europeus, há duas versões conflitantes: Uma defendendo que a Anatólia foi o ponto de partida (Renfrew, 1990, 1994; Bouckaert *et al.*, 2012) e outra propondo seu surgimento na região da estepe pôntica (Mallory, 1989; Anthony, 2007).

Na hipótese anatólica, o indo-europeu seria um idioma falado por pastores da região da atual Turquia e, através da expansão agrícola, foram rumando tanto para leste (Ásia) quanto para oeste (Europa), ocupando essas regiões. Por outro lado, os defensores da chamada hipótese da estepe propõem que os povos indo-europeus, através de intensos fluxos migratórios a partir das estepes, dominaram povos nativos da Europa e da Ásia e, através desse conflito e contato, as línguas indo-europeias se espalharam e se diversificaram. Não é papel deste texto discutir as vantagens e desvantagens entre cada proposta, a menção aqui é apenas para ilustrar não haver consenso sobre as origens indo-europeias.<sup>2</sup>

### **1. 1. O sufixo *-sk-***

---

<sup>1</sup> Disponível em <http://www.ethnologue.com/statistics/family>. Acessado em 11/11/2015.

<sup>2</sup> Para mais informações, consultar Pereltsvaig e Lewis (2015) e Demoule (2014).

Esta seção concentra-se no estudo do elemento indo-europeu *-sk-*, também referido como *-sk<sup>e/o-</sup>*, *-sko-* ou *-ske/o*. Nesses casos, reforça-se o caráter verbalizador do sufixo, associando-o às vogais *e* e *o*, que ligavam os temas às desinências número-pessoais. Opta-se, aqui, por *-sk-*, já que a variação nas línguas indo-europeias não se atém às vogais que se unem ao sufixo.

O papel desempenhado pelo elemento indo-europeu *-sk-* é ainda obscuro e, provavelmente, permanecerá assim, já que em cada família, ou mesmo nas línguas de uma mesma família, sua função é diversa.

Faz-se necessário introduzir alguns conceitos caros à estrutura associada ao verbo indo-europeu para melhor compreensão do capítulo.

O indo-europeu apresentava diferentes raízes verbais de acordo com o aspecto do verbo. Havia distinção entre o aspecto durativo (a que corresponde uma raiz do tema do presente), resultativo (a que corresponde uma raiz do tema do perfeito) e o aspecto perfectivo (a que corresponde o tema do aoristo). Assim, o verbo grego λυώ *lyó* 'eu desato' é feito com base no tema do presente; λέλυκα *lélyka* (já que o português não apresenta forma correspondente ao resultativo, opta-se por não traduzir) é feito com base no tema do perfeito; έλυσα *élysa* 'eu desatei' é formado com base no tema do aoristo (ROMANELLI, 1975). O sufixo *-sk-* é encontrado em formações do tema do presente, mas não no tema do perfeito ou do aoristo).

Além disso, o sufixo *-sk-* unia-se a raízes de grau zero. Uma raiz de grau zero é aquela que não apresenta uma das vogais [e] ou [o]. Por exemplo, a palavra grega ποδός *podós* 'pé' tem origem na raiz indo-europeia *pd-* (CLACKSON, 2007).

Beeks (2011, p.257) traz dois exemplos de formações do tema do presente em raízes de grau zero com o sufixo *-sk-*:

*prk-ské* to ask 'pedir'

*g<sup>w</sup>m-ské* to go 'ir'

Brugmann (1891) lista uma série de exemplos de ocorrências de *-sk-* nas diferentes línguas e famílias indo-europeias. A seguir, uma síntese, com exemplos do autor. As formas em negrito representam os desenvolvimentos do sufixo *-sk-* em cada uma das línguas apresentadas:



a) **Ramo ariano:** Nesse grupo, o sufixo é um verbalizador<sup>3</sup>. Une-se às raízes para a formação de verbos.

(i) **Sânscrito:** *archáti* he reaches 'ele alcança', *hurchatí* he slips 'ele desliza'

(ii) **Avesta:** *tersaiti* he fears 'ele teme', *jasaiti* he goes 'ele vai'

(iii) **Persa Antigo:** *tarasaiti* he fears 'ele teme', *parsaiti* he asks 'ele pede'

b) **Ramo armênio**<sup>4</sup>: Na língua armênia, *-sk-* aparece como verbalizador somente no tema do presente e no do aoristo: *harc<sup>ci</sup>* I asked 'eu perguntei', *anc<sup>ci</sup>* I went 'eu fui', *bac<sup>ci</sup>* I opened 'eu abri'. Nesta língua, o sufixo é mais produtivo no aoristo que no presente, fato pouco observável nas demais línguas. Na fase clássica do armênio, o presente do subjuntivo apresentava o sufixo *-ic<sup>c-</sup>*, derivado do indo-europeu *-sk-*, como em *siric<sup>cem</sup>* (that) I love '(que) eu ame'. Também nessa fase da língua havia o sufixo causativo *-uc<sup>c-</sup>*, em que, assim como o sufixo de subjuntivo, foi formado a partir do indo-europeu *-sk-*. O par *usanim* I learn 'eu aprendo' e *usuc<sup>canim</sup>* I teach 'eu ensino' *literalmente* 'eu faço aprender' exemplifica a noção causativa.

c) **Ramo grego:** Há diversas noções aspectuais associadas a *-sk-* nesse grupo, como iterativo (indicando repetição), causativo (indicando causação), inceptivo (indicando o início de um evento) e incoativo (indicando uma mudança de estado)<sup>5</sup>, além do emprego como verbalizador. Na seção 4 deste capítulo há detalhamento sobre os desenvolvimentos desse sufixo na língua grega. Por

---

<sup>3</sup> *Verbalizador* é entendido como um sufixo que permite a uma raiz tornar-se um verbo.

<sup>4</sup> É polêmica (Clakson, 2007) a existência desse ramo de um único representante, o armênio, já que há propostas que vinculam essa língua ao ramo helênico, mas, por não ser objetivo desta dissertação, não haverá debate sobre a posição do armênio nas famílias indo-europeias.

<sup>5</sup> Para uma introdução ao estudo dos aspectos, ver Comrie (1976)

enquanto seguem alguns exemplos do grego<sup>6</sup>: *προβλώσκω problósko* 'eu sigo em frente', *φάσκω phásko* 'eu declaro', *βόσκω bósko* 'eu alimento', *γνώσκω gnósko* 'eu aprendo'

d) **Ramo itálico**: Nesse grupo, as línguas herdaram o carácter verbalizador do sufixo. No latim, desenvolveram-se os aspectos inceptivo e incoativo, em outra fase da língua também houve o aspecto causativo.

(i) **Latim**: *cresco* 'eu cresço', *nasco* 'eu nascço', *posco* 'eu pergunto', *calesco* 'eu esquento'

(ii) **Umbró**: *eiscurent* they asked 'eles perguntaram'

(iii) **Oscó**: *comparascuster* he would have been consulted 'ele teria sido consultado'

e) **Ramo celta**: O sufixo une-se a alguns poucos temas verbais do presente:

(i) **Irlandês Antigo**: *nascim* 'eu ligo'

(ii) **Galês**: *guasgaf* 'eu espremo'

f) **Ramo germânico**: Assim como o grupo celta, em poucos temas do presente encontra-se *-sk-*, sem que o sufixo acrescente noção aspectual:

(i) **Alto Alemão Antigo**: *irlisku* 'eu extinto', *wascu* 'eu lavo', *driscu* 'eu castigo'

(ii) **Alto Alemão Médio**: *krische* 'eu guincho'

(iii) **Gótico**: *priska* 'eu castigo'

g) **Ramo balto-eslávico**<sup>7</sup>: Há alguns poucos verbos no presente que apresentam o sufixo *-sk-*, mas, assim como nos dois ramos anteriores, são minoria nas línguas. Também neste grupo o sufixo não acrescenta aspecto ao verbo.

---

<sup>6</sup> Para os exemplos de língua grega, primeiramente há o alfabeto grego, em seguida a transliteração latina e finalmente a tradução.

<sup>7</sup> Embora, atualmente, haja uma divisão entre línguas bálticas e línguas eslavas (Clakson 2007, Fortson IV, 2004), adota-se aqui a classificação de Brugmann (1891) por se estar utilizando também os exemplos fornecidos por ele. Como dito anteriormente, não é papel

(i) **Lituano:** *tviska* 'ele ilumina', *treszkù* I sputter 'eu crepito', *jèszkaù* I try 'eu tento'

(ii) **Eslavo Eclesiástico Antigo:** *iska* I try 'eu tento'

g) **Ramo anatólio:** Tendo como principal representante a língua hitita, justamente nesse idioma o sufixo *-sk-* demonstra variedade de noções aspectuais no tema do presente, como os exemplos a seguir ilustram: *dask-* take many times 'pegar várias vezes', *zīnusskezzi* he is mounting 'ele está montando', *zahheskenun* I fought (during a while) 'eu lutei (durante um tempo)', *akkuskenun* I regularly drank 'eu regularmente bebi'.

Por fim, vale resumir que, no indo-europeu, de fato, é por demais incerto afirmar categoricamente o valor do elemento *-sk-*. A breve descrição aqui feita já mostra incompatibilidades entre os aspectos nas diversas línguas, uma vez que há muitas possibilidades aspectuais observadas, como iterativo, causativo, inceptivo, incoativo e habitual. O que é mais comum, no entanto, é o caráter formador de verbos assumido pelo sufixo, razão pela qual o caminho mais seguro a se tomar em uma tentativa de reconstrução da morfologia verbal indo-europeia é o de não incluir esse sufixo em uma possível lista de sufixos aspectuais do proto-indo-europeu, mas sim no rol dos sufixos verbalizadores.

Isso porque esse sufixo não aparece em temas nominais. Ele ocorre em verbos, independentemente de acrescentar noções aspectuais. Assim, sendo um sufixo aspectual, é também um sufixo verbalizador, pois confere às raízes caráter verbal.

Uma mesma raiz pode formar tanto nomes quanto verbos: Clackson (2004, p.64) traz palavras formadas a partir da raiz indo-europeia *\*-yug* join 'unir':

- a. Como o nome 'junção': no hitita *iukan*, no grego *zdugón*, no latim *iugum* e no gótico *iuk*
- b. Como o verbo 'juntar', : o sânscrito *yuñánti*, o avesta *yunjīnti* e o latino *iungunt*, todos traduzidos como 'they yoke', *eles juntam*.

---

desta dissertação discutir características filogenéticas do ramo indo-europeu, portanto, não há debate sobre questões polêmicas externas ao tema focado.

A seguir, algumas línguas serão exploradas em maior detalhe. O critério de escolha de quais seriam representadas neste texto deveu-se principalmente pela carência de fontes sobre o papel histórico do sufixo nas línguas. Assim, apresentam-se aqui línguas em que há riqueza de informações sobre os desenvolvimentos de *-sk-*. São elas o sânscrito, do ramo iraniano (seção 2); o armênio, do ramo armênio (seção 3); o grego antigo, do ramo helênico (seção 4); o hitita, do ramo Anatólio (seção 5); o albanês, do ramo albanês (seção 6) e o latim, do ramo itálico (seção 7). Há maior detalhamento dos desenvolvimentos de *-sk-* na língua latina, já que é a partir dela que se alcança o português brasileiro, ponto de chegada da seção diacrônica desta dissertação e língua em que se concentram as análises teóricas.

## **2. Ramo índico**

Este ramo é representado principalmente por línguas faladas na região da Índia e faz parte do grande ramo indo-iraniano, tradicionalmente dividido entre índico e iraniano e, segundo Fortson IV (2004), uma divisão tripartida pode ser feita, destacando o grupo Nuristani, línguas faladas na região do Afeganistão. Pertencem a este grupo o sânscrito, o hindi, o bengali, o marathi e o guajarathi, dentre outras línguas. O sânscrito, língua aqui estudada, pertence ao índico e sua atestação mais antiga é conhecida como sânscrito védico, por causa dos hinos contidos na coleção Rigveda, datados por volta do primeiro milênio a.C e permanece até os dias atuais como língua sacra na religião hindu (Beekes, 2011).

### **2.1. O sânscrito**

Na língua sânscrita, o sufixo indo-europeu *-sk-* assume a forma fonética [tʃ<sup>h</sup>] e é transliterado<sup>8</sup> como *-ch-* ou *-ch-*. Assume a função de verbalizador no sistema morfológico do presente<sup>9</sup> (cuja base é o tema do presente e se formam os tempos presente e imperfeito nos modos indicativo, subjuntivo, optativo e imperativo, além do participio presente) sem, no entanto, acrescentar quaisquer noções semânticas às trinta raízes a que se une (Burrow, 2001).

---

<sup>8</sup> O alfabeto utilizado no sânscrito é o devanagari.

<sup>9</sup> Sobre a noção de sistema do presente, voltar à nota 4.

Existem duas grandes conjugações verbais em sânscrito no sistema do presente: a conjugação temática, ou primeira conjugação, formada pelo tema *a*; e a conjugação atemática, ou segunda conjugação<sup>10</sup> (Varenne, 1971). O sufixo *-cch-* aparece na conjugação temática, entre a raiz e o tema *a*. Assim, a raiz *gam-*, ao ser verbalizada, recebe o sufixo *-cch-*, tornando-se o tema *gaccha-* 'ir'. A conjugação no presente do indicativo deste tema é abaixo reproduzida.

**Tabela 1: Conjugação do Verbo *gacchami***

PESSOA	SINGULAR	DUAL	PLURAL
1 <sup>a</sup>	<i>gacchami</i>	<i>gacchavaḥ</i>	<i>gacchamaḥ</i>
2 <sup>a</sup>	<i>gacchasi</i>	<i>gacchatha</i> ḥ	<i>gacchatha</i>
3 <sup>a</sup>	<i>gacchati</i>	<i>gacchataḥ</i>	<i>gacchanti</i>

Encontra-se no persa, língua iraniana, a forma *jasaiti* 'ele vai'. Outros exemplos de verbos formados por esse sufixo em sânscrito e sua comparação com outras línguas são *pr̥cchati* 'ele pergunta', comparável ao latino *poscere* 'perguntar', ao persa *p̄r̄əsaiti* 'ele pergunta' e ao alemão *forscon* 'pesquisar'; *icchati* 'ele deseja', no persa *'isaiti'*, no antigo alto alemão *eiscon* 'chamar', em eslavo *jiska* 'eu procuro'.

### 3. Ramo armênio

O ramo armênio é representado atualmente pela língua armênia, cujos primeiros registros datam do século I d.C. e é falada na região entre o mar Negro e o mar Cáspio (Beeks, 2011). Segundo Fortson IV (2004), o armênio só foi reconhecido como ramo isolado dentre as línguas indo-europeias a partir de 1877, através dos trabalhos de Heinrich Hübschmann (1962). Anteriormente, era considerado um dialeto do iraniano (Matasović, 2009). Isso porque existe nesse idioma um grande número de palavras de origem iraniana, fazendo com que sua singularidade não fosse facilmente reconhecida. O que Hübschmann fez, conforme relata Fortson IV,

<sup>10</sup> As duas conjugações se distribuem em dez classes verbais, com base no tipo de formação da raiz: temática (em *a* breve) ou atemática (qualquer outro tipo de formação). Enquanto os verbos atemáticos, ao longo da conjugação, sofrem processos fonológicos que alteram a raiz, os verbos temáticos são conjugados sem qualquer modificação.

foi retirar o léxico identificável com o iraniano, mostrando que as palavras restantes consistiriam no núcleo original da língua armênia, além de demonstrar que a morfologia flexional do armênio se difere muito da do iraniano, fato favorável à defesa do não-parentesco entre essas línguas.

### 3.1. O armênio

Na língua armênia, o sufixo indo-europeu *-sk-* assume a forma fonética [ts<sup>h</sup>] e é transliterado como *-c<sup>c</sup>*<sup>11</sup>. O sufixo *-c<sup>c</sup>* une-se ao tema verbal do presente (i) na formação do presente do subjuntivo, formando verbos causativos. Une-se ao tema do aoristo fraco<sup>12</sup> para formar o aoristo no indicativo e no subjuntivo. Pode ainda unir-se ao infinitivo, construindo a forma debitativa (também chamada de participio de necessidade)<sup>13</sup>.

A marca do presente do subjuntivo é o sufixo *-ic<sup>c</sup>*. Ele se ao tema do presente e distribui-se em todas as pessoas, como ilustra a conjugação abaixo do verbo *sirel* 'amar':

**Tabela 2: o verbo *sirel* no presente do subjuntivo**

<i>siric<sup>c</sup>em</i>
<i>siric<sup>c</sup>es</i>
<i>siric<sup>c</sup>e</i>
<i>siric<sup>c</sup>emk<sup>c</sup></i>
<i>siric<sup>c</sup>ek<sup>c</sup></i>
<i>siric<sup>c</sup>en</i>

<sup>11</sup> O armênio clássico, assim como o contemporâneo, era grafado no alfabeto armênio. O sufixo nesse alfabeto é assim grafado: -ց -

<sup>12</sup> Existe na língua armênia duas formações do aoristo: (i) forte, não apresenta o sufixo *-ց-* e (ii) fraca, apresenta o sufixo *-ց-*.

<sup>13</sup> A forma debitativa ou participio de necessidade (Matasović, 2009:28) é uma forma nominal que expressa uma obrigação, um dever.

O sufixo  $-c^c$  forma o chamado tema do aoristo fraco. Eis o paradigma do verbo no indicativo:

**Tabela 3: O verbo *sirel* no aoristo indicativo**

<i>sirec<sup>c</sup>i</i>
<i>sirec<sup>c</sup>er</i>
<i>sireac<sup>c</sup></i>
<i>sirec<sup>c</sup>ak<sup>c</sup></i>
<i>sirec<sup>c</sup>ēk<sup>c</sup></i>
<i>sirec<sup>c</sup>in</i>

O aoristo no subjuntivo é formado acrescentando o sufixo  $-c^c$  ao tema do aoristo. Os verbos apresentam o sufixo  $-c^c$  duas vezes e com duas funções distintas: a de formador do tema do aoristo e a de sufixo modo-temporal. A seguir, o paradigma:

**Tabela 4: O verbo *sirel* no aoristo subjuntivo**

<i>sire</i> <i>c<sup>c</sup>ic<sup>c</sup></i>
<i>sire</i> <i>c<sup>c</sup>ic<sup>c</sup>es</i>
<i>sire</i> <i>ac<sup>c</sup>ic<sup>c</sup>ē</i>
<i>sire</i> <i>c<sup>c</sup>ic<sup>c</sup>uk<sup>c</sup></i>
<i>sire</i> <i>c<sup>c</sup>ic<sup>c</sup>ik<sup>c</sup></i>
<i>sire</i>

<i>c<sup>c</sup>ic<sup>c</sup>en</i>
--------------------------------------

Ao unir-se ao infinitivo, o sufixo *-oc<sup>c</sup>-* instaura uma outra forma nominal, chamada de participio de necessidade, ou forma debitativa (cf. nota 15), e equivale ao gerundivo do latim. Assim, do infinitivo *sirel* 'amar' forma-se o participio de necessidade *sireloc<sup>c</sup>* 'dever ser amado' (latim: *amandus*).

Por fim, há ainda a classe de verbos causativos formados pelo sufixo *-uc<sup>c</sup>an-*, como em *usuc<sup>c</sup>anim* 'eu ensino' *literalmente* 'eu faço aprender', formado a partir de *usanim* 'eu aprendo' e *siruc<sup>c</sup>anim* 'eu faço amar', de *sirem* 'eu amo'.

#### 4. Ramo grego

Tal qual o armênio, o grego também é assumido como representante único de um ramo das línguas indo-europeias. Os primeiros escritos em grego datam do segundo milênio a.C. (Fortson IV, 2004). Eles estão registrados em um dialeto chamado micênico, sob o sistema de escrita silábico linear B - decifrado em 1952 por Michael Ventris (Beekes, 2011).

O grego possui mais de mais de quatro mil anos de existência e, para os propósitos desta dissertação, não foi viável realizar um estudo aprofundado e sistemático do sufixo *-sk-* ao longo de toda a história da língua<sup>14</sup>. Foca-se aqui no grego antigo que, segundo Horrocks (2009), inicia-se com os primeiros registros e se estende pelo Império Romano.

##### 4.1. Grego antigo

No grego antigo, o sufixo indo-europeu *-sk-* tem a forma fonética [sk] e é grafado como *-σκ-* no alfabeto grego e transliterado como *-sk-*. Nessa língua,

---

<sup>14</sup> Mais sobre esse sufixo em grego nos trabalhos de Jason Zerdin (1999, 2002)



mantém o caráter verbalizador, ao unir-se a temas verbais sem a eles acrescentar noções aspectuais, mas há ocorrências em que um aspecto verbal está associado ao morfe. Une-se ao tema do presente nos tempos presente do indicativo e imperfeito e no presente do subjuntivo. Une-se também ao tema do aoristo, tanto no indicativo quanto no subjuntivo.

Adaptando a classificação de Curtius (1880), o sufixo pode se unir de diversas formas ao tema verbal:

(i) Diretamente ao tema, sem que haja qualquer alteração na raiz: *báske* 'venha (você)', *bóske* 'eu alimento', *pháske* 'eu afirmo'

(ii) Com redobro<sup>15</sup>: *didáske* 'eu ensino', *gignóske* 'eu conheço' e *bibróske* 'eu devoro' *literalmente* 'eu como intensivamente, repetidamente'.

(iii) Com alteração na raiz: *thnéske* 'eu pereço' (raiz: *than-*)

(iv) Com vogal de ligação: *geráske* 'eu envelheço' (tema: *ger-*), *aldéske* 'eu cresço' (tema: *ald-*), *methúske* 'embebedar' (tema: *meth-*)

(v) Com síncope da consoante temática: *deidískomai* 'eu cumprimento' (tema: *dik-*, nesse caso, há redobro e síncope), *éiske* 'eu imito' (tema: *ik-*), *cháske* 'eu bocejo' (tema: *chan-*).

Quanto às noções aspectuais, há várias:

(i) Aspecto habitual: *machéske* 'eu costumava lutar', *ídeske* 'ele costumava ver', *dóskon* 'ele costumava dar'.

(ii) Aspecto incoativo: *geráske* 'eu envelheço', *edáske* 'eu rejuvenesço', *methyskomai* 'eu fico bêbado'

---

<sup>15</sup> O redobro é um processo morfológico que consiste em repetir no início de uma raiz sua primeira consoante seguida de uma vogal de ligação. Nos verbos citados, essa vogal é o *-i-*.

- (iii) Aspecto causativo: *pipísko* 'fazer beber'
- (iv) Aspecto inceptivo: *geneiásko* 'começar a ter barba'
- (v) Aspecto iterativo: *bibrósko* 'comer repetidamente, devorar'

## 2. 5. Ramo anatólio

As línguas anatólias foram faladas na região asiática da Turquia, bem como no norte da Síria. O ramo anatólio foi estabelecido somente no século XX, a partir da publicação por Jorgen Knudtzon, em 1902, de duas cartas em escrita cuneiforme do que viria a ser definido como a língua hitita. Outras línguas desse ramo são o palaico, o luviano, o liciano, o lidiano, o cariano, o prisidiano e o sidético (Fortson IV, 2004, p.154). O hitita, língua aqui analisada, é datado por volta de 2 mil a.C. (Van den Hout, 2011).

### 2.1. 5.1. O hitita

O sufixo indo-europeu *-sk-* na língua hitita é grafado tanto como *-sk-* quanto como *-šk-*. Isso porque não foi possível determinar com precisão o som da primeira letra, há argumentos de que tenha sido [s], mas também pode ter sido [ʃ] (Hofner, 2008).

O papel desse sufixo em hitita parece estar bem esclarecido. Na verdade, é justo dizer que o *-sk-* desempenha vários papéis, conforme atestam Lauffenburger (2008) e Hofner (2008), citados abaixo. Descritivamente, pode ser elaborada a seguinte lista, de acordo com a noção aspectual introduzida pelo sufixo:

(i) **Iterativo.** Dentre todas as noções, essa parece ter sido a mais comum e também a mais regular em termos de formação verbal. Segundo Lauffenburger (2008), "é possível construir para cada raiz verbal uma forma com o sufixo *-sk-*, com o sentido próximo ao de iterativo, embora seu uso seja um pouco mais complexo"<sup>16</sup>. Exemplos de pares verbais a seguir ilustram a noção aspectual iterativa do sufixo:

---

<sup>16</sup> No original: "One can build for each verbal root a form with the suffix *-sk-*, with a meaning close to the iterative, even though its use is a bit more complex".

*da-* 'pegar' → *dask-* 'pegar várias vezes'

*pāi-* 'dar' → *pesk-* 'dar várias vezes'

*ep-* 'agarrar' → *appisk-* 'agarrar várias vezes'

*hatrāi-* 'escrever' → *hatresk-* 'escrever várias vezes'

Lauffenburger destaca a coocorrência dos sufixos *-sk-* e *-annāi*, sendo o último marcador de aspecto durativo. Desse modo, temos *walh-* 'atingir' e *walhannesk-* 'atingir várias vezes continuamente' e *pars-* 'quebrar' e *parsiyannesk-* 'quebrar um após o outro'.

(ii) **Progressivo:** Segundo Hoffner (2008), quando um verbo apresenta o morfe *-sk-* designando esse aspecto, está "descrevendo uma ação em curso, algumas vezes estabelecendo a cena para outra ação - então chamada "*backgrounding*"<sup>17</sup>. Como exemplo, os verbos *zīnusskezzi* 'ele está montando', *dameskatteni* 'vocês estão oprimindo'.

(iii) **Durativo:** *zahheskenun* 'eu lutei (durante um tempo)', *anniskezzi* 'ele trabalhará (até determinado tempo)'.

(iv) Para imperativos formados com o *-sk*, uma boa paráfrase seria 'continue a...', assumindo, assim, uma noção tanto progressiva quanto durativa, como em *hatreske* 'continue a enviar' e *istamaske* 'mantenha inclinado'.

(v) **Inibitivo:** Com a forma negativa *lē*, o verbo com *-sk* apresenta um aspecto que Hoffnan (2008) chama de inibitivo, apresentando a paráfrase *parar de*<sup>18</sup>: *lē daskatteni* '(vocês) parem de retirar', *lē peskesi* '(você) pare de dar'.

---

<sup>17</sup> No original: "...describing an ongoing action, in some instances setting the scene for another action - so-called "backgrounding"."

<sup>18</sup>No original: "The use of a *-ske-* form with the negative *lē* sometimes carries the meaning of an "inhibitive", that is, it means 'stop ... -ing'".

(vi) **Habitual:** *akkuskenun* 'eu regularmente bebi', *seskiskenun* 'eu regularmente dormi', *arreskenun* 'eu regularmente me lavei'.

A oposição entre o aspecto habitual e o não-habitual fica clara ao contrapor uma mesma raiz verbal com e sem o sufixo *-sk*, como em *pesker* 'costumava dar' x *piyer* 'deu'.

O aspecto habitual foi lexicalizado em *mniyahheske-* 'administrar, governar', formado a partir de *maniyahh-* 'lidar'.

(vii) **Inceptivo:** *sesket* 'ele começou a dormir', *sallanusker* 'eles começaram a erguer'

A partir dessa lista, é possível confirmar a afirmação inicial de que o desenvolvimento do sufixo *-sk-* em hitita se deu em vários caminhos.

## 6. Ramo albanês

Tal qual o grego e o armênio, o albanês constitui-se como único representante de um ramo indo-europeu. É a língua oficial da Albânia, país localizado no sudeste europeu. Segundo Beekes (2011), divide-se em dois dialetos: ao norte, Ghëg; ao sul, Tosk. É falada ainda em Kosovo e no norte da Macedônia e no sul da Itália. Fortson IV (2004) afirma que o ramo albanês foi o último a apresentar registros escritos, por volta do século XV, e, por essa razão, sua origem é incerta.

### 6.1. Albanês

Nessa língua, o sufixo indo-europeu *-sk-* sofreu muitas alterações fonéticas, conforme descreve Orel (2000): "Antigos temas do presente em *-ske/o-* (...) foram muito difundidos no proto-albanês, em que o sufixo se tornou no EPA<sup>19</sup> *-sk-* > *-x-* > *-h-* ~ *-f-*."<sup>20</sup> No albanês, temas com *-sk-* são formados a partir de raízes terminadas em oclusivas ou vogais não sonantes, com a única exceção de *njeh* 'considerar'.

<sup>19</sup> Early Proto-Albanian, inglês para 'proto-albanês antigo'

<sup>20</sup> No original: "Old present stems in *-ske/o-* (...) were widespread in Proto-Albanian, where the suffix became EPA *-sk-* > *-x-* > *-h-* ~ *-f-*."

Ainda segundo Orell, o sufixo formava originalmente iterativos e durativos, mas no albanês contemporâneo não há uma noção aspectual atrelada ao sufixo *-h-* (que dialetalmente alterna com *-f-*).

Muitos verbos que apresentam *-h-* em sua formação podem ser reconstruídos à fase EPA e, a partir dela, comparados a verbos de outras línguas indo-europeias e ao próprio indo-europeu.

O sufixo pervaga a conjugação do verbo albanês por todos os tempos e modos. Abaixo, um exemplo do verbo *deh* 'embriagar' no presente do indicativo, recuperado da raiz do EPA *degška*, comparável ao sânscrito *dahati* 'ele queima' e às raízes do tocário A e B *tsak-*, *tsäk-*, também com o sentido de queimar, além do lituano *dègti* 'queimar':

**Tabela 5: conjugação do verbo *deh* no presente do indicativo**

<i>deh</i>
<i>deh</i>
<i>deh</i>
<i>deh</i>
<i>im</i>
<i>deh</i>
<i>ni</i>
<i>deh</i>
<i>in</i>

## 7. Ramo itálico

O grupo itálico refere-se essencialmente às línguas indo-europeias faladas originalmente na região da Itália. Atualmente, por causa da expansão do latim através do Império Romano, há línguas itálicas derivadas do latim sendo faladas em diversas regiões do mundo.

Beeks (2011) divide o ramo itálico em dois grupos: latino-falisco, de que fazem parte o latim e o falisco. Mallory e Adams (2009) afirmam que os primeiros registros do latim datam do século VII a. C., enquanto que o falisco é atestado a partir de 600 a.C., no norte de Roma. O outro grupo é chamado sabélico e contém o

osco, o umbro, o sabino, o marsi e o volsci. Essas línguas eram faladas na região centro-sul da Itália.

Em comum, ambos os grupos representam línguas faladas por povos essencialmente compostos de pastores, sendo o latim, inicialmente, apenas uma das várias línguas desses camponeses itálicos falada na região do Lácio, na área central da Itália. No entanto, como é sabido, desde a derrubada dos etruscos do poder na região itálica, em 509 a.C., os latinos se espalharam ao longo da Europa, norte da África e parte da Ásia, desde a fundação da República Romana (509 a.C. - 27 a.C.) até a queda do Império Romano (27 a.C. - 476 d.C.) (Flower, 2014; Garsney e Saller, 2014).

Nesta dissertação, dentre as línguas do grupo itálico foca-se no latim, por duas razões essenciais: há poucos registros sobre as demais línguas itálicas, sendo muitas das vezes insuficientes para a elaboração de uma gramática, que dirá gramática histórica. Além disso, pretende-se estudar o percurso do sufixo indo-europeu até alcançar o português, língua neolatina.

### 7.1. Latim

Na língua latina, o sufixo indo-europeu *-sk-* tem a forma fonética [sk] e é grafado *-sc-*. Ao longo da história da língua, *-sk-* evoluiu para quatro funções básicas: (i) verbalizador, (ii) marcador de aspecto inceptivo, (iii) marcador de aspecto incoativo e (iv) marcador de aspecto causativo. Nesta seção, cada uma dessas fases será abordada.

Inicialmente, o sufixo *-sc-* esteve presente em verbos como *posco* 'eu pergunto', *cresco* 'eu cresço', *nosco* 'eu conheço', *suesco* 'eu me acostumo', sem acrescentar noções aspectuais, apenas compondo o paradigma de conjugação dos verbos. O sufixo atuava, portanto, como um verbalizador. Para Meul (2010), “esses verbos pertencem ao mais antigo estrato do léxico latino<sup>21</sup>”.

Como visto, *-sk-* não teve sua função ou sentido original determinado até o momento; entretanto, uma característica fundamental desse sufixo é compor o tema do presente de diversos verbos em diversas línguas. Com exceção do grego e do

---

<sup>21</sup> No original: “” These verbs belong to the most ancient stratum of the Latin lexicon”

armênio, o sufixo não se espalhou para os temas do aoristo e do perfeito<sup>22</sup>. Assim, um verbo no presente do indicativo apresenta o sufixo -sc-, mas no pretérito perfeito não, já que esse tempo não é formado a partir do tema do presente, mas do tema do perfeito. A seguir, opõe-se o presente do indicativo ao pretérito perfeito dos verbos latinos citados anteriormente para ilustrar o que foi dito (Machado, 1941):

*nosco* 'eu conheço' - *noui* 'eu conheci'

*cresco* 'eu cresço' - *creui* 'eu cresci'

Apenas o verbo *posco* mantém o sufixo -sc- no tema do perfeito:

*posco* 'eu pergunto' - *poposci* 'eu perguntei'

Allen (1982) propõe que, como o verbo *crescere* indica uma mudança de estado, foi ele o gatilho para a associação do sufixo -sc- ao aspecto incoativo, num processo em que o significado teria passado da raiz para o sufixo, assumido pelo autor como “reanálise” (Allen, 1982, p.10). Com isso, em vez de compor apenas alguns verbos provavelmente oriundos do próprio indo-europeu, o morfe passa a ser um sufixo aspectual da língua latina. Havia também o sentido inceptivo, como em *nigrescere* 'começar a ficar escuro'. Esse mesmo verbo representava as duas noções: incoativa e inceptiva.

Nessa segunda fase da história do sufixo no latim, ele unia-se principalmente aos verbos estativos<sup>23</sup>. A seguir, duas sentenças: uma com o verbo inceptivo e outra com o verbo estativo:

(5) a. *aut cui, febre non quiescente, exterior pars friget, interior sic calet*

‘Ou em quem a febre não abranda, a parte exterior é fria e o interior por sua vez **é quente**’.

<sup>22</sup> Também referido no latim como *perfectum*, enquanto o tema do presente é referido como *infectum*.

<sup>23</sup> *Verbos estativos* são aqueles que indicam estado. Por exemplo, o verbo *calere* indica o estado de 'ser quente'.

(Celso, *De Medicina*, Livro II, Capítulo VI)<sup>24</sup>

b. *per aestatem caelum meridianum sole exoriente calescit*

‘No verão, o céu meridiano **começa a se esquentar** no pôr-do-sol’. (Vitruvio, *De Architectura*, Livro I, Capítulo IV)<sup>25</sup>

. Em (5a), *calet* é um verbo estativo, indicando apenas o estado de ser quente do corpo. Em (5b), *calescit* corresponde a ‘começar a esquentar’, indicando o início de um evento. É o sufixo -sc- que acrescenta ao tema *cale-* a noção inceptiva.

Um exemplo de verbo causativo está na sentença (6) abaixo:

(6) *caelum nigrescit ab Austris*

O céu **se torna negro** a partir do Sul

(Ovídio, *Faustos*, Livro V)<sup>26</sup>

Nesse caso, *nigrescit* corresponde a ‘tornar-se negro’, uma mudança de estado, portanto.

Também os verbos incoativos e inceptivos não apresentam o sufixo -sc- no tema do perfeito:

*cupisco* 'eu começo a desejar' - *cupiui* 'eu comecei a desejar'

*dormesco* 'eu começo a dormir' - *dormui* 'eu adormeci'

Existe ainda relação entre o sufixo -sc- e as classes conjugacionais do latim. Os verbos latinos distribuem-se em quatro classes conjugacionais, com base na vogal temática (Bortolussi, 2008):

1ª conjugação: -āre

<sup>24</sup> Disponível em <http://goo.gl/uxN1dc> Acessado em 09/09/2015

<sup>25</sup> Disponível em: <http://goo.gl/BTxbJb> Acessado em 09/09/2015

<sup>26</sup> Disponível em <http://goo.gl/YztuD5> Acessado em 09/09/2015



2ª conjugação: -ēre

3ª conjugação: -ĕre

4ª conjugação: -īre

O sufixo -sc- une-se a verbos da primeira, segunda e quarta conjugação, mas o verbo com o sufixo sempre pertencia à terceira conjugação, de temas em consoantes. Assim,

*amare* 'amar' > *amascĕre* 'começar a amar'

*calĕre* 'estar quente' > *calescĕre* 'começar a ficar quente, esquentar'

*dormĭre* 'dormir' > *dormiscĕre* 'começar a dormir, adormecer'

Por causa disso, é comum encontrar na literatura sobre esse sufixo referências não a -sc-, mas às terminações -āsc-, -ĕsc- e -īsc-. Há, ainda, referências aos “verbos terminados em -sco”. No entanto, essas referências somam ao sufixo -sc- uma vogal temática, no primeiro caso, ou o sufixo de primeira pessoa do singular, no segundo caso.

A maioria dos verbos que apresentam -sc- foram formados com a terminação -ĕsc-. Segundo Allen (1982), isso incentiva a determinar *crĕscere* como o que ele chama de *verbo líder*<sup>27</sup> no processo da transformação morfológica, isso é, o elemento que desencadeia a mudança. O autor também apresenta dados de Blaylock (1975, p.436) que mostram que quinhentos verbos terminam em -ĕsc-, 110 em -īsc- e setenta em -āsc-.

Além de formar verbos a partir de verbos, como *calesco* < *caleo*, o sufixo -sc- também forma verbos oriundos de nomes, como *irasci* 'tornar-se irado' < *ira* 'ira', *ignescere* 'tornar inflamado, em chamas' < *ignis* 'fogo', e de adjetivos, como *clarescere* 'tornar claro' < *clarus* 'claro', *dulcescere* 'tornar doce' < *dulcis* 'doce'.

Meul (2010) afirma que os verbos incoativos e inceptivos formados por -sc- eram inicialmente intransitivos. Em um momento posterior da língua, eles se tornaram transitivos e passaram, também, a admitir um processo de formação verbal

---

<sup>27</sup> No original, "leader verb".

muito comum na língua latina: o de prefixação por afixos de origem preposicional<sup>28</sup>. Assim, passam a conviver na língua quatro tipos diferentes de verbos formados por -sc-: os mais antigos, em que ele é um verbalizador, como *cresco* e *nosco*; verbos inceptivos; verbos incoativos intransitivos do tipo *calesco* e verbos transitivos do tipo *illucesco* 'eu torno algo iluminado'. Allen (1980) ressalta que, porém, não é a preposição que licencia esse novo argumento, à exceção dos verbos *inolescere* 'tornar algo grande' < *ollescere* 'crescer' e *illucescere* 'tornar algo iluminado' < *lucescere* 'começar a brilhar'.

No chamado *latim vulgar*, além dos aspectos incoativo e inceptivo, verbos com o sufixo -sc- podiam apresentar um sentido causativo (Väänänen, 1985). Esse desenvolvimento é facilmente reconstruído à transitivização dos verbos incoativos intransitivos. Em um verbo incoativo com dois argumentos, necessariamente, o argumento *sujeito* é o responsável pela mudança de estado sofrida pelo argumento *complemento*. A seguir, exemplos de sentenças com o verbo -sc- para ilustrar o uso:

(7) (...) *ubi hordeum flauescit*  
'onde o trigo se torna amarelo'  
(Catão, *De Agri Cultura*, 151)<sup>29</sup>

(8) (...) *neque enim natura sanguinis est, ut utique caleat, sed ex iis, quae in homine sunt, hic celerrime uel calescit uel refrigescit*  
. 'com efeito, não é a natureza do sangue, que ele **seja quente**, mas de todos [os compostos] que estão no homem, este [o sangue] rapidamente ora **se torna quente**, ora **se torna frio**'  
(Celso, *De Medicina*, Livro IV, Capítulo IV)<sup>30</sup>

<sup>28</sup> Também chamados de *prevérbios*, esses prefixos adicionam noções semânticas que seus correspondentes preposicionais apresentam. Por exemplo, *uenio* 'eu vou' > *inuenio* 'eu vou para (alguém), eu encontro'.

<sup>29</sup> Disponível em [http://penelope.uchicago.edu/Thayer/L/Roman/Texts/Cato/De\\_Agricultura/J\\*.html](http://penelope.uchicago.edu/Thayer/L/Roman/Texts/Cato/De_Agricultura/J*.html)  
Acessado em 19/11/2015

<sup>30</sup> Disponível em [http://penelope.uchicago.edu/Thayer/L/Roman/Texts/Celsus/4\\*.html](http://penelope.uchicago.edu/Thayer/L/Roman/Texts/Celsus/4*.html)  
Acessado em 19/11/2015

(9) (...) *circa Kal. Febr. quia prima gemmascit.*

'perto das calendas de fevereiro, [a amendoeira] é a primeira que começa a brotar'

(Columella, *De Re Rustica*, Livro V, Capítulo X)<sup>31</sup>

(10) (...) *ubi est Deus eorum? Et innotescat in nationibus*

'onde está o Deus deles? E que [o] faça conhecer às nações'

(São Jerônimo, *Vulgata*, Salmos, 78:10)<sup>32</sup>

Em (7), há o incoativo *flaescere* 'tornar-se amarelo', do verbo *flauere* 'ser amarelo'. (8) é um exemplo interessantíssimo, já que apresenta *caleat*, terceira pessoa do singular no presente do subjuntivo de *calere* 'ser quente' (cuja tradução está destacada em negrito) e *calescit*, o incoativo formado a partir desse estativo, (9) apresenta *gemmascere* 'começar a brotar', uma forma inceptiva. Por fim, o exemplo (10), retirado da *Vulgata*, texto escrito entre o fim do século IV e início do século V, de autoria de Jerônimo, pertencente ao período referido como *latim vulgar*, apresenta o verbo *innotescere* 'fazer conhecer', um verbo causativo formado com o sufixo *-sc-*.

No processo em que o sufixo *-sc-* foi da língua latina para a maioria das línguas românicas, o sufixo *-sc-*, em grande parte dos casos, perdeu as noções aspectuais e passou a ser um verbalizador em alguns verbos de tema em *-i-*. Isso porque houve confluência das terminações *-esc-* e *-isc-* e os que possuíam *-asc* desapareceram ou mudaram, encaixando-se a outros paradigmas conjugacionais (Väänänen, 1985).

No português e no espanhol, por outro lado, o sufixo manteve o caráter aspectual, formando verbos causativos e incoativos, mas com particularidades em cada uma dessas línguas.

<sup>31</sup> Disponível em <http://www.thelatinlibrary.com/columella/columella.rr5.shtml> Acessado em 19/11/2015

<sup>32</sup> Disponível em: <http://www.sacred-texts.com/bib/vul/psa078.htm> Acessado em 19/11/2015

Este capítulo foi responsável por apresentar alguns desenvolvimentos evolutivos do sufixo indo-europeu *-sk-* em diversas línguas indo-europeias de diferentes famílias. Como anteriormente dito, principalmente por indisponibilidade de materiais, não foi feita a verificação de como o sufixo passou a se comportar em cada família; no entanto, ao analisar dados de 6 ramos indo-europeus, é possível confirmar o que havia sido dito ao fim da seção 1, a partir das fontes escassas, não se pode determinar com certeza se o sufixo assumia alguma função além de verbalizador. Isto é, o sufixo *-sk-* uniu-se somente a temas verbais. Quando aspectual, implicado está também verbalizador.

No próximo capítulo, pretende-se explorar de que maneira o sufixo *-sc-* se espalhou nas línguas românicas. Para determinar quais línguas seriam estudadas, foi determinante a disponibilidade de fontes. Repete-se a carência de estudos sobre o sufixo *-sc-*, especialmente em línguas minoritárias. Além do italiano, do francês, do português, do espanhol e do romeno, línguas românicas com maior bibliografia, esta dissertação apresenta dados do corsa, do friulano, do ladino do lígure, do napolitano, do ocitano, do romanche, do catalão e do asturiano. Não é papel deste texto determinar fronteiras entre línguas e dialetos. Considerou-se apenas a existência de gramáticas descritivas para a inclusão de determinada língua.

## **Capítulo 2: O sufixo *-sk-* nas línguas românicas**

### **2.1. Romeno**

O romeno é uma língua falada na região da Romênia, na região central da Europa. Como se sabe, esse território foi ocupado pelo Império Romano, no início do século II d.C. e já em 271 o domínio romano deixou de existir (Cojocaru, 2003).

#### **2.1.1. Os suixos *-sc-* e *-șt-***

Na língua romena, o sufixo latino *-sc-* assume as formas fonéticas [sk], grafada como *sc* e [ʃt], grafada como *șt*. Une-se aos temas verbais sem a eles acrescentar noções aspectuais (Cojocaru, 2003).

Os verbos romenos estão organizados em quatro classes, com base nas terminações de infinitivo:

1<sup>a</sup>: -a

2<sup>a</sup>: -ea

3<sup>a</sup>: -e

4<sup>a</sup>: -i e -î

Os sufixos *-sc-* e *-șt-* aparecem nos verbos de quarta conjugação. Há uma divisão dos verbos dessa classe: alguns verbos de infinitivo em -i apresentam as terminações *-esc/-eșt*, e os verbos em -î apresentam as terminações *-asc/-așt*. De acordo com Constanzo (2011), uma boa parte dos verbos que apresentam as terminações *-esc/-eșt* são de origem estrangeira (línguas eslavas, grego e húngaro).

Apenas verbos no presente do indicativo, no presente do subjuntivo e no futuro do indicativo têm o sufixo em sua formação.

No presente do indicativo, as terminações *-esc* e *-asc* aparecem na primeira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural, enquanto as formas *-eșt* e *-așt* aparecem na segunda e na terceira pessoa do singular. Abaixo, a conjugação dos verbos *a îngrămădi* 'abarrotar' e *a hotărî* 'decidir'<sup>33</sup>.

**Tabela 6: os verbos *a îngrămădi* e *a hotărî* no presente do indicativo**

<i>îngrăm</i> <b>ădesc</b>	<i>hotărăs</i> <b>c</b>
<i>îngrăm</i> <b>ădești</b>	<i>hotărăș</i> <b>ti</b>
<i>îngrăm</i> <b>ădește</b>	<i>hotărăș</i> <b>te</b>
<i>îngrăm</i> <b>ădim</b>	<i>hotărâ</i> <b>m</b>

<sup>33</sup> O infinitivo do verbo romeno é enunciado com a preposição *a* antes do verbo.

<i>âdiți</i>	<i>îngrâm</i>	<i>hotârâți</i>
<i>âdesc</i>	<i>îngrâm</i>	<i>hotârâs</i> <b>c</b>

No presente do subjuntivo, a distribuição é idêntica à do presente do indicativo. Para ilustrar, a conjugação de *a iubi* 'amar' e *a urî* 'odiar':

**Tabela 7: Conjugação dos verbos *a iubi* e *a urî* no presente do subjuntivo**

<i>să iubesc</i>	<i>să urăsc</i>
<i>să iubești</i>	<i>să urăști</i>
<i>să iubească</i>	<i>să urască</i>
<i>să iubim</i>	<i>să urâm</i>
<i>să iubiți</i>	<i>să urăți</i>
<i>să iubească</i>	<i>să urască</i>

No futuro<sup>34</sup> dos tipos 2 e 3, por serem formados a partir do presente do subjuntivo, as terminações *-esc/-eșt* e *-asc/-așt* também aparecem. A seguir, a conjugação dos verbos *a iubi* 'amar' e *a urî* 'odiar', tanto no futuro 2 quanto no futuro 3:

**Tabela 8: Conjugação dos verbos *a iubi* e *a urî* no futuro 2**

<i>o să iubesc</i>	<i>o să urăsc</i>
<i>o să iubești</i>	<i>o să urăști</i>
<i>o să iubească</i>	<i>o să urască</i>

<sup>34</sup> Gönczöl-Davies (2008) afirma que o futuro em romeno se organiza em três tipos: 1 ou formal/literário, em que se utilizam os auxiliares *voi, vei, va, vom, veți, vor* + infinitivo; 2 ou coloquial, formado por *o* + presente do subjuntivo; 3 ou popular, formado pelo presente do verbo *a avea* 'ter' + presente do subjuntivo.

<i>o să iubim</i>	<i>o să urâm</i>
<i>o să iubiți</i>	<i>o să urâți</i>
<i>o să iubească</i>	<i>o să urască</i>

**Tabela 9: Conjugação dos verbos a iubi e a urî no futuro 3**

<i>am să iubesc</i>	<i>am să urăsc</i>
<i>ai să iubești</i>	<i>ai să urăști</i>
<i>are să iubească</i>	<i>are să urască</i>
<i>avem să iubim</i>	<i>avem să urâm</i>
<i>aveți să iubiți</i>	<i>aveți să urâți</i>
<i>au să iubească</i>	<i>au să urască</i>

## 2.2. Corsa

O corsa é uma língua falada na ilha de Córsega, no mar Mediterrâneo. Segundo Giacomo-Marcellesi (1997), a ilha sofreu uma latinização tardia e forte influência toscana a partir do primeiro milênio d.C., e isso garante à língua características distintas em relação às demais línguas românicas.

### 2.2.1. O sufixo -sc-

O sufixo latino -sc- na língua corsa assume a forma fonética [ʃ] e mantém a grafia latina. Une-se ao tema verbal para indicar aspecto progressivo, noção inovadora em relação ao latim.

Os verbos corsas tradicionalmente são organizados em três classes:

I. -[a]

II. -[a], -[e]

III. [i]

À primeira classe correspondem os verbos cujo acento no infinitivo recai sobre a sílaba da vogal temática, como o verbo *puttà* 'levar, trazer'. À segunda classe correspondem os verbos cujo acento no infinitivo recai em outra sílaba que

não a da vogal temática ou que possuem [e] como vogal temática, sendo essa terminação uma herança direta do latim (verbos em *-ēre* e em *-ĕre*). Na terceira conjugação estão presentes verbos cujo acento recai sobre a vogal temática *-[i]* (Fursina, 1999).

O sufixo *-sc-* aparece em cerca de sessenta verbos originalmente pertencentes à terceira conjugação (*-i*) e que, com o sufixo, passam para a segunda (*a/e*). Ao receberem o sufixo *-sc-*, esses verbos assumem o aspecto progressivo, logo, não há mais o aspecto incoativo/inceptivo latino (Fursina, 1999):

*anniri* 'enegrecer' → *anniriscia/e* 'estar enegrecendo'

*arrussi* 'envermelhecer' → *arrussiscia/e* 'estar envermelhecendo'

*binidi* 'abençoar' → *binidiscia/e* 'estar abençoando'

*culuri* 'colorir' → *culuriscia/e* 'estar colorindo'

*fini* 'terminar' → *finiscia* 'estar terminando'

*furni* 'terminar' → *furniscia/e* 'estar terminando' (variante antiga)

*prugridi* 'progredir' → *prugridiscia/e* 'estar progredindo'

*scimmi* 'enlouquecer' → *scimmiscia/e* 'estar enlouquecendo'

Abaixo, o paradigma do verbo *finiscia*:

**Tabela 10: Conjugação do verbo *finiscia* no presente do indicativo**

<i>finiscu</i>
<i>finisci</i>
<i>finisce</i>
<i>finimu</i>
<i>finite</i>
<i>finiscenu</i>

O principal destaque para o corsa é o fato de *-sc-* poder indicar aspecto progressivo, fato não atestado em nenhuma língua românica estudada nesta pesquisa. Desse modo, é possível argumentar que ocorreu nessa língua uma inovação, já que não foi herdado do latim.



### 3. 2.3. Ladino

O ladino é falado no extremo norte da Itália, na região Trentino-Alto-Ágide, por mais de trinta mil pessoas, conforme o Ethnologue<sup>35</sup>. Todas as informações a seguir foram retiradas da *Gramatica di Ladin Standard*, organizada pelo *Servisc de Planificazion y Elaborazion dl Lingaz Ladin* (Serviço de Planificação e Elaboração da Língua Ladina)<sup>36</sup>. Infelizmente, não foram encontradas outras fontes nem informações sobre os desenvolvimentos históricos da língua.

#### 2.3.1. O sufixo -sc-

O sufixo -sc- no ladino assume a forma fonética [ç] e é grafado como -sc-. Nessa língua, não acrescenta noção aspectual ao se juntar às raízes verbais.

Os verbos ladinos organizam-se em quatro conjugações:

1<sup>a</sup>: -é

2<sup>a</sup>: -ei

3<sup>a</sup>: -e

4<sup>a</sup>: -ì

O sufixo -sc- aparece em alguns verbos da quarta conjugação ladina, como o verbo *capì* 'compreender', no presente do modo indicativo, no presente do subjuntivo e no imperativo.

O presente do indicativo no ladino apresenta duas formas, de acordo com o elemento que ocupa a primeira posição na sentença. O ladino é uma língua do tipo V2, ou seja, o verbo ocupa a segunda posição na frase. Caso o sujeito seja o primeiro elemento da sentença, o paradigma verbal para os verbos que apresentam o sufixo é o seguinte:

---

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.ethnologue.com/language/ld> Acessado em 24/11/2015.

<sup>36</sup> Disponível em [http://www.spell-termles.ladinia.net/documents/gramatica\\_LS\\_2001.pdf](http://www.spell-termles.ladinia.net/documents/gramatica_LS_2001.pdf)  
Acessado em 24/11/2015

**Tabela 11: Conjugação do verbo *capì* no presente do indicativo com o sujeito como primeiro elemento da sentença**

<i>e</i>	<i>capesc</i>
<i>es</i>	<i>capesc</i>
	<i>capesc</i>
	<i>capion</i>
	<i>capieis</i>
	<i>capesc</i>

Vê-se que o sufixo *-sc-* aparece nas três primeiras pessoas do singular e na terceira pessoa do plural apenas. Isso ocorre também na conjugação do verbo quando o primeiro elemento da sentença não é o sujeito, cujo paradigma é este:

**Tabela 12: Conjugação do verbo *capì* no presente do indicativo quando o sujeito não é o primeiro elemento da sentença**

<i>capesci</i>
<i>capesceste</i>
<i>capéscel</i> <i>capéscela</i>
<i>capionse</i>
<i>capieise</i>
<i>capéscei</i>
<i>capésceles</i>
<i>capéscen</i>

No presente do subjuntivo, o sufixo *-sc-* aparece também nas três primeiras pessoas do singular e na terceira pessoa do plural, e o paradigma é o seguinte:

**Tabela 13: O verbo *capì* no presente do subjuntivo**

<i>capisce</i>
<i>capisces</i>
<i>capisce</i>
<i>capion</i>
<i>capieis</i>
<i>capisce</i>

No imperativo, o sufixo está presente apenas na segunda pessoa do singular, cuja forma para o verbo *capì* é *capisc*.

## 2.4. Lígure

O lígure é falado na região da Ligúria, no noroeste da Itália. Por carência de bibliografia, informações históricas não foram encontradas sobre essa língua. Todo o conteúdo deste capítulo foi baseado na gramática elaborada por Dàvide Sivèro<sup>37</sup>.

### 2.4.1. O sufixo -sc-

O sufixo latino -sc- assume a forma fonética [stʃ] em lígure e preserva a grafia de -sc-. Acrescenta-se à raiz do verbo sem, no entanto, acrescentar noção aspectual a ele. Está presente no paradigma de todas as quatro conjugações verbais da língua, que são:

1<sup>a</sup>: -â

2<sup>a</sup>: -éi

3<sup>a</sup>: -e

4<sup>a</sup>: -î

Nas três primeiras conjugações, o sufixo -sc- aparece em dois tempos, no imperfeito do subjuntivo e no presente do condicional. Para ilustrar, utilizam-se os paradigmas dos verbos das três primeiras conjugações *mandâ* 'enviar', *tasgéi* 'manter-se calado', *lêse* 'ler':

<sup>37</sup> A obra intitulada *The Ligurian dialect of the Padanian language: A concise grammar* encontra-se disponível no portal <http://www.romaniaminor.net/>, acessado em 24/11/2015

(i) no imperfeito do modo subjuntivo, na segunda pessoa do singular, primeira e segunda pessoas do plural.

**Tabela 14: Os verbos *mandâ*, *tasgéi* e *lêse* no imperfeito do subjuntivo**

<i>mandése</i>	<i>tasgése</i>	<i>lêsése</i>
<i>mandésci</i>	<i>tasgésci</i>	<i>lêsésci</i>
<i>mandése</i>	<i>tasgése</i>	<i>lêsése</i>
<i>mandéscim</i>	<i>tasgéscimu</i>	<i>lêséscimu</i>
<i>u</i>		
<i>mandésci</i>	<i>tasgésci</i>	<i>lêsésci</i>
<i>mandésan</i>	<i>tasgésan</i>	<i>lêsésan</i>

(ii) no presente do modo condicional, na segunda pessoa do singular, primeira e segunda pessoas do plural.

**Tabela 15: Os verbos *mandâ*, *tasgéi* e *lêse* no presente do modo condicional**

<i>mandiéiva</i>	<i>tasgiéiva</i>	<i>lesiéiva</i>
<i>mandiêsci</i>	<i>tasgiêsci</i>	<i>lesiêsci</i>
<i>mandiéiva</i>	<i>tasgiéiva</i>	<i>lesiéiva</i>
<i>mandiêsci</i>	<i>tasgiêscim</i>	<i>lesiêscimu</i>
<i>mu</i>	<i>u</i>	
<i>mandiêsci</i>	<i>tasgiêsci</i>	<i>lesiêsci</i>
<i>mandiéivan</i>	<i>tasgiéivan</i>	<i>lesiéivan</i>

Na quarta conjugação, o sufixo *-sc-* está presente em alguns verbos apenas, como o verbo *finî* 'terminar'. No presente do modo indicativo, ele aparece na primeira, segunda e terceira pessoas do singular e na terceira pessoa do plural:

**Tabela 16: Conjugação do verbo *finî* no presente do indicativo**

<i>finisciu</i>
<i>finisci</i>
<i>finisce</i>
<i>finimu</i>
<i>finî</i>
<i>finiscian</i>

Aparece também nas mesmas pessoas no presente do modo subjuntivo:

**Tabela 17: Conjugação do verbo *finî* no presente do subjuntivo**

<i>finisce</i>
<i>finisci</i>
<i>finisce</i>
<i>finimu</i>
<i>finî</i>
<i>finiscian</i>

No imperfeito do modo subjuntivo, assim como nas outras três conjugações, aparece na segunda pessoa do singular e na primeira e segunda pessoas do plural:

**Tabela 18: Conjugação do verbo *finî* no imperfeito do subjuntivo**

<i>finise</i>
<i>finisci</i>
<i>finise</i>
<i>finiscimu</i>
<i>finisci</i>
<i>finisan</i>

O mesmo para o presente do modo condicional:

**Tabela 19: Conjugação do verbo *finî* no presente do modo condicional**

<i>finiéiva</i>
<i>finiêsci</i>
<i>finiéiva</i>
<i>finiêscimu</i>
<i>finiêsci</i>
<i>finiéivan</i>

Aparece ainda no imperativo - que apresenta apenas a segunda pessoa, tanto no singular quanto no plural -, na segunda pessoa do singular:

**Tabela 20: O verbo *finî* no imperativo**

<i>finisci</i>
finî

## 2.5. Napolitano

Língua falada na região sul da Itália, o napolitano é frequentemente referido como um dialeto do italiano. Colantoni e Gurlekian (2004) afirmam que o napolitano desempenhou forte influência na formação do espanhol de Buenos Aires, bem como no do Uruguai.

### 2.5.1. O sufixo -sc-

O sufixo latino -sc- assume a forma fonética [ʃ] diante de [e] e [sk] diante de [o]. É grafado como -sc-. Une-se ao tema de alguns verbos da terceira conjugação sem acrescentar noções aspectuais. O sufixo aparece no presente dos modos indicativo e subjuntivo e no modo imperativo (Ledgeway, 2009).

Os verbos napolitanos tradicionalmente dividem-se em quatro conjugações:

1<sup>a</sup>: -a

2<sup>a</sup>: -e

3<sup>a</sup>: -ì

Ledgeway (2009) propõe, no entanto, haver apenas duas conjugações, uma com o tema em *-a* e outra com o tema em *-e/-i*, já que muitos verbos de infinitivo em *-i* também apresentam infinitivo em *-e*, como *senti ~ sèntere* 'escutar', com o acento anterior à vogal temática *-e*. Além disso, o paradigma conjugacional desses verbos é indistinguível, à exceção dos verbos que apresentam o sufixo *-sc-*, que apresentam o infinitivo exclusivamente em *-i*. Propõe o autor a seguinte classificação<sup>38</sup>:

Tema em <i>-a</i>	Tema em <i>-e/-i</i>			
	Tema em <i>-e</i>		Tema em <i>-i</i>	
	infinitivo oxítono	infinitivo proparoxítono	Sem sufixo	com o sufixo <i>-sc-</i>

Não é necessário aprofundar nessa discussão, porque o objetivo desta seção é apenas descrever o comportamento do sufixo *-sc-* na língua napolitana.

Os verbos napolitanos que apresentam o sufixo *-sc-* podem terminar em *-esc-* ou em *-isc-*. Segundo Ledgeway (2009), as duas formas "*continuam diretamente as duas variantes latinas correspondentes (crf. FIN-ISCO, FLOR-ESCO), mas cuja distribuição resulta, no plano sincrônico, difícil de se estabelecer*"<sup>39</sup> (Ledgeway, 2009, p.364). Como exemplo, o autor opõe *fenesce ~ finisce* 'ele termina'.

Laedgeway afirma ainda que há registro de apenas uma oposição em que o sufixo *-sc-* conserva um valor causativo, originário de uma fase tardia do latim: *cumparisco/cumparesco* 'eu destaco' (literalmente, 'eu faço aparecer') e *cumparo* 'eu apareço'.

No presente do indicativo, o paradigma para o verbo *fenìre* 'terminar' é o seguinte:

<sup>38</sup> Tabela adaptada de Ledgeway (2009), pág. 362

<sup>39</sup> "No original: "*che continuano direttamente le due varianti latine corrispondenti (crf. FIN-ISCO, FLOR-ESCO), ma la cui distribuzione risulta in chiave sincronica difficile a stabilire*".

Tabela 21: Conjugação do verbo *fenire* no presente do indicativo

<i>fen</i> <b>èsco</b>
<i>fini</i> <b>sce</b>
<i>fen</i> <b>èsce</b>
<i>fen</i> <b>immo</b>
<i>fen</i> <b>ite</b>
<i>fen</i> <b>èsceno</b>

O presente do subjuntivo possui o seguinte paradigma:

Tabela 22: Conjugação do verbo *fenire* no presente do subjuntivo

<i>finis</i> <b>ca</b>
<i>finis</i> <b>ci</b>
<i>finis</i> <b>ca</b>
<i>fini</i> <b>mo</b>
<i>finat</i> <b>e</b>
<i>finis</i> <b>cano</b>

No imperativo, apenas a segunda pessoa do singular apresenta -sc-: *finis**ce***.



## 2.6. Ocitano

Segundo Conde (1999), o ocitano é a segunda língua mais falada da França, além de estar presente na catalunha e no vale de Aran. O autor afirma que a língua possui semelhança com o catalão e tem origens na Idade Média. Todas as informações aqui presentes foram retiradas da obra de Conde, única fonte bibliográfica encontrada sobre essa língua.

### 2.6.1. O sufixo -ss-/-sc-

O sufixo latino -sc- na língua ocitana ora aparece como [s] e grafado como -ss-, ora como [sk] e grafado -sc-. Une-se à raiz verbal sem acrescentar noção aspectual. Compõe o paradigma de alguns verbos da segunda das três conjugações dessa língua, que são:

1<sup>a</sup>: -ar

2<sup>a</sup>: -ir

3<sup>a</sup>: -e

Cada uma das duas formas, -ss- e -sc-, aparece em diferentes tempos. Para ilustrar as ocorrências do sufixo, utiliza-se o verbo *dormir* 'dormir'.

No presente do modo indicativo, a forma -ss- aparece em todas as pessoas (sendo grafada -s para a terceira do singular):

**Tabela 23: Conjugação do verbo *dormir* no presente do indicativo**

<i>dormissi</i>
<i>dormisses</i>
<i>dormis</i>
<i>dormissèm</i>
<i>dormissètz</i>
<i>dormisson</i>

No imperfeito do modo indicativo, também aparece em todas as pessoas a forma -ss-:

**Tabela 24: Conjugação do verbo *dormir* no imperfeito do indicativo**

<i>dormissiái</i>
<i>dormissiás</i>
<i>dormissiá</i>
<i>dormissiam</i>
<i>dormissiatz</i>
<i>dormissian</i>

A forma -sc- aparece no presente do subjuntivo, em todas as pessoas:

**Tabela 25: Conjugação do verbo *dormir* no presente do subjuntivo**

<i>dormisca</i>
<i>dormiscas</i>
<i>dormisca</i>
<i>dormiscam</i>
<i>dormiscatz</i>
<i>dormiscan</i>

No imperativo - que existe para a segunda pessoa do singular, primeira pessoa do plural e segunda pessoa do plural -, ambas as formas aparecem, sendo que a forma -ss- vale para a segunda pessoa, tanto no singular, em que é grafada como -s, quanto no plural, e a forma -sc- para a primeira pessoa do plural:

**Tabela 26: Conjugação do verbo *dormir* no imperativo**

<i>dormis</i>
<i>dormiscam</i>
<i>dormissétz</i>

## 2.7. Romanche

O romanche é uma das quatro línguas oficiais da Suíça e conta com cerca de quarenta mil falantes nativos, segundo o Ethnologue<sup>40</sup>. Stich (2007) propõe que o romanche se formou a partir do isolamento geográfico de seus falantes, bem como pela influência dos povos germânicos que ocuparam a região dos Grisões, área da Suíça onde a língua se concentra.

### 2.7.1. O sufixo *-sch-*

O sufixo *-sc-* nessa língua assume a forma fonética [ʃ] e é representado por *-sch-*. Ele se junta a alguns verbos da primeira e da quarta conjugações, sem acrescentar noções aspectuais ao verbo (Stich, 2007).

São quatro as conjugações do romanche:

1<sup>a</sup>: -ar

2<sup>a</sup>: -air

3<sup>a</sup>: -er

4<sup>a</sup>: -ir

Dentre os verbos da primeira ou da quarta conjugações, há aqueles que podem ou não apresentar o sufixo *-sch-*, como *dubitar* 'duvidar': *el dubita* 'ele duvida' ou *el dubitescha* 'ele duvida'.

O sufixo aparece nas três primeiras pessoas do singular e na terceira pessoa do plural na primeira conjugação, como o paradigma do verbo *gratular* 'felicitar', no presente do indicativo, mostra:

**Tabela 27: Conjugação do verbo *gratular* no presente do indicativo**

<i>gratulesch</i>
<i>gratuleschas</i>
<i>gratulescha</i>
<i>gratulain</i>
<i>gratulais</i>
<i>gratuleschan</i>

<sup>40</sup> Disponível em: <http://www.ethnologue.com/language/roh> Acessado em 25/11/2015

O mesmo acontece para verbos da quarta conjugação. Como exemplo, o verbo *finir* 'terminar':

**Tabela 28: Conjugação do verbo *finir* no presente do indicativo**

<i>finesch</i>
<i>fineschas</i>
<i>finescha</i>
<i>finin</i>
<i>finis</i>
<i>fineschan</i>

O sufixo *-sch-* aparece em todos os tempos e modos dessas duas conjugações.

Abordando dialetos do grupo reto-romanche, de que faz parte o romanche, Benincà (1992:71) afirma que o sufixo latino *-sc-* se espalhou majoritariamente nesses falares em verbos da quarta conjugação, assumindo as formas fonéticas [e] ou [i]. O dialeto *vallader* apresenta o sufixo apenas para verbos da primeira conjugação. É escassa também a ocorrência do sufixo em verbos da segunda conjugação.

Harris e Vincent (1990) afirmam que nos dialetos de Engadina, no vale dos Grisões, a forma /ɛj/, na primeira conjugação, se distribui nas mesmas pessoas que no romanche padrão; já a quarta conjugação apresenta a forma /ij/.

## 2.8. Francês

Na língua francesa, o sufixo latino *-sc-* assume a forma fonética [s] e é grafado como *-ss-* ou simplesmente *-s-*. Une-se ao tema verbal sem acrescentar noção aspectual (Batchelor e Chebli-Saadi, 2011).

Tradicionalmente, os verbos franceses são organizados em quatro conjugações:

1ª: -er

2<sup>a</sup>: -re

3<sup>a</sup>: -ir

4<sup>a</sup>: -oir

No entanto, não é profícuo classificar os verbos franceses a partir do infinitivo, segundo Bruneau e Brunot (1933). Argumentam os autores que "o sistema de quatro conjugações latinas, distinguidas pela vogal da desinência do infinitivo: *-āre*, *-ēre*, *-ĕre* e *-īre*, foi arruinado no francês arcaico."<sup>41</sup> (Bruneau e Brunot, 1933, p. 478). Desse sistema latino, permanecem ainda regulares alguns verbos da conjugação francesa em *-er* (cuja origem é a primeira conjugação latina, *-are*) e a conjugação *-ir* que apresenta o sufixo *-ss-*, oriundo do latino *-sc-*. Os outros verbos podem ser agrupados como verbos irregulares, já que do infinitivo não se prediz seu paradigma de conjugação. Bruneau e Brunot (1933) afirmam que isso se deve ao constante embate entre analogia e regularidade, porque um paradigma verbal se aproximou de outro, tornando-se irregular em relação ao paradigma original, mas se regularizando frente ao análogo. Isso gerou uma reorganização do sistema, visando à exclusão dos verbos cujo paradigma tornava-se por demais irregular.

Focando nos verbos de infinitivo em *-ir* que apresentam o sufixo *-ss-*, vê-se que a distribuição desse sufixo nos paradigmas ocorre apenas no presente, no imperfeito do indicativo, no presente do subjuntivo e no modo imperativo.

No presente do indicativo, a forma *-s* aparece para a primeira e para a segunda pessoa do singular, enquanto a forma *-ss* para as três pessoas do plural. Como exemplo, a conjugação do verbo *finir* 'terminar':

**Tabela 29: Conjugação do verbo *finir* no presente do indicativo**

<i>finis</i>
<i>finis</i>
<i>finit</i>
<i>finissons</i>
<i>finissez</i>

<sup>41</sup> Le système des quatre conjugaisons latines, distinguées par la voyelle de la désinence de l'infinitif: *-āre*, *-ēre*, *-ĕre*, *-īre*, a été ruiné en ancien français."

<i>finissent</i>
------------------

No imperfeito do indicativo, a forma -ss- aparece em todas as pessoas:

**Tabela 30: Conjugação do verbo *finir* no imperfeito do indicativo**

<i>finissais</i>
<i>finissais</i>
<i>finissait</i>
<i>finissions</i>
<i>finissiez</i>
<i>finissaient</i>

No presente do subjuntivo, a forma -ss aparece em todas as pessoas:

**Tabela 31:  
subjuntivo**

**Conjugação do verbo *finir* no presente do**

<i>finisse</i>
<i>finisses</i>
<i>finisse</i>
<i>finissions</i>
<i>finissiez</i>
<i>finissent</i>

No imperativo, apenas a segunda pessoa do singular, a primeira pessoa do plural, e a segunda pessoa do plural existem. Nelas, a forma -ss- junta-se ao tema verbal:

Tabela 32: Conjugação do verbo *finir* no imperativo

<i>finis</i>
<i>finissons</i>
<i>finissez</i>

## 2.9. Catalão

O sufixo latino *-sc-* assume a forma fonética [ʃ] no dialeto padrão e é grafado como *-x-*. Em outros dialetos, pode realizar-se como [sk], sendo grafado como *-sc-* ou *-squ-*. Une-se a um tema verbal sem acrescentar noção aspectual (Wheeler *et alli*, 2003).

Os verbos no catalão dividem-se em três grupos:

1ª conjugação: *-ar*

2ª conjugação: *-er/-re*

3ª conjugação: *-ir*

Como pode ser observado, não há em catalão a presença do sufixo nos paradigmas de infinitivo. As exceções são, segundo Moll (1952), *conèixer* 'conhecer', *merèixer* 'merecer' e *parèixer* 'parecer'.

O sufixo *-x* aparece em alguns verbos da terceira conjugação, no presente do indicativo e do subjuntivo e também no imperativo.

Wheeler *et alli* (2003) apresentam, além dos paradigmas do catalão padrão, a conjugação dos dialetos do catalão, que será aqui reproduzida.

No presente do indicativo, o sufixo *-x* aparece nas três primeiras pessoas do singular e na terceira pessoa do plural. Nos dialetos valenciano e baleárico, a primeira pessoa do singular é marcada com *-sc*. Para ilustrar, segue a conjugação, nos vários dialetos, do verbo *patir* 'sofrer'

Tabela 33: Conjugação do verbo *patir* no presente do indicativo

Catalão Padrão	Catalão NE <sup>42</sup>	Catalão N <sup>43</sup>	Catalão Baleárico <sup>44</sup>	Catalão Valenciano <sup>45</sup>
<i>pateixo</i>	<i>patixo</i>	<i>pateixi</i>	<i>patesc</i>	<i>patisc</i>
<i>pateixes</i>	<i>patixes</i>	<i>pateixes</i>	<i>pateixes/pateixs</i>	<i>patixes</i>
<i>pateix</i>	<i>patix</i>	<i>pateix</i>	<i>pateix</i>	<i>patix</i>
<i>patim</i>	<i>patim</i>	<i>patim</i>	<i>patim</i>	<i>patim</i>
<i>patiu</i>	<i>patiu</i>	<i>patiu</i>	<i>patiu</i>	<i>patiu</i>
<i>pateixen</i>	<i>patixen</i>	<i>pateixen</i>	<i>pateixen</i>	<i>patixen</i>

No presente do subjuntivo, a distribuição é a mesma, apresentando diferenças dialetais maiores:

Tabela 34: Conjugação do verbo *patir* no presente do subjuntivo

Catalão Padrão	Catalão NE e Catalão valenciano	Catalão Baleárico	Catalão Baleárico <sup>46</sup> e Valenciano formal
<i>pateixo</i>	<i>patisca</i>	<i>patesqui</i>	<i>patesca</i>
<i>pateixes</i>	<i>patisques</i>	<i>patesquis</i>	<i>patesques</i>
<i>pateix</i>	<i>patisca</i>	<i>patesqui</i>	<i>patesca</i>
<i>patim</i>	<i>patim</i>	<i>patiguem</i>	<i>patim</i>
<i>patiu</i>	<i>patiu</i>	<i>patigueu</i>	<i>patiu</i>

---

<sup>42</sup> Dialeto do nordeste

<sup>43</sup> Dialeto do norte

<sup>44</sup> Dialeto das Ilhas Baleares

<sup>45</sup> Dialeto de Valência

<sup>46</sup> Essa é uma outra possibilidade nesse dialeto.



<i>pateixen</i>	<i>patisquen</i>	<i>patesquin</i>	<i>patesquen</i>
-----------------	------------------	------------------	------------------

O imperativo apresenta a segunda e a terceira pessoa do singular e as três pessoas do plural. Sua forma, nos vários dialetos, é a seguinte de acordo com Wheeler et alli (2003):

**Tabela 35: Conjugação do verbo *patir* no imperativo**

Catalão padrão	Catalão NE	Catalão N	Catalão Baleárico	Catalão Valenciano
<i>pateix</i>	<i>patix</i>	<i>pateix</i>	<i>pateix</i>	<i>patix</i>
<i>pateix</i>	<i>patix</i>	<i>pateix</i>	<i>pateix</i>	<i>patix</i>
<i>patim</i>	<i>patim</i>	<i>patim</i>	<i>patim</i>	<i>patim</i>
<i>patiu</i>	<i>patiu</i>	<i>patiu</i>	<i>patiu</i>	<i>patiu</i>
<i>pateixen</i>	<i>patisquen</i>	<i>pateixen</i>	<i>pateisquin</i>	<i>patesquen</i>

## 2.10. Asturiano

O asturiano é falado no noroeste da península ibérica, na região das Astúrias, segundo o Ethnologue<sup>47</sup>. Na página ainda há a informação de que existem registros literários do asturiano desde o século dezessete. A única fonte bibliográfica para esta língua encontrada foi a gramática elaborada pela *Academia de la Llingua Asturiana*<sup>48</sup>.

### 2.10.1. O sufixo -c-

<sup>47</sup> Disponível em: <http://www.ethnologue.com/language/ast> Acessado em 25/11/2015

<sup>48</sup> Disponível em [http://www.academiadelalingua.com/wp-content/uploads/2014/10/Gramatica\\_Llingua.pdf](http://www.academiadelalingua.com/wp-content/uploads/2014/10/Gramatica_Llingua.pdf) Acessado em 25/11/2015

Na língua asturiana, o sufixo latino *-sc-* assume a forma fonética [θ] e é grafado como *c*. Forma verbos incoativos e causativos. Ele aparece no grupo II das três conjugações verbais dessa língua, a saber:

grupo I: terminação em *-ar*,

grupo II: terminação em *-er*

grupo III: terminação em *-ir*.

No grupo II, o sufixo aparece na terminação *-ecer*.

Segundo a *Gramática de la Llingua Asturiana*, o sufixo *-ecer* forma verbos a a partir de adjetivos, dando como exemplos (p.279) transformações do tipo:

*escuru* 'escuro' → *escurecer* 'escurecer'

*maduru* 'maduro' → *madurecer* 'amadurecer'

*podre* 'podre' → *podreecer* 'apodreecer'

*verde* 'verde' → *verdecer* 'esverdecer'

Existe em asturiano também formações parassintéticas, segundo a gramática, formadas pelos prefixos *a-* e *en-* mais o sufixo *-ecer* (312-3):

*blandiu* 'brando' → *ablandecer* 'abrandecer'

*bobu* 'bobo' → *abobecer* 'tornar bobo'

*flacu* 'fraco' → *aflaquecer* 'enfraquecer'

*duru* 'duro' → *endurecer* 'endurecer'

*noble* 'nobrr' → *ennoblecer* 'enobrecer'

Ainda segundo a gramática, os verbos incoativos também terminam em *-iar*, um sufixo que forma verbos tanto a partir de substantivos como de adjetivos. São citados os seguintes exemplos:

*blancu* 'branco' → *blanquiar* 'branquear'

*carpinteru* 'carpinteiro' → *carpinteriar* 'fazer-se de carpinteiro'

*claru* 'claro' → *clariar* 'clarear'

*flacu* 'magro' → *flaquiar* 'emagrecer'

*turista* 'turista' → *turistiar* 'fazer-se de turista'

### 2.11. Italiano

Na língua italiana, o sufixo latino *-sc-* assume a forma fonética de [sc], diante de [a] e [o] e a forma [ʃ] diante das outras vogais. Conserva a grafia *-sc-* latina. Une-se aos verbos sem a eles acrescentar noções semânticas. O sufixo aparece no presente do indicativo e do subjuntivo, além do imperativo (Maiden e Robustelli, 2014).

No presente do indicativo, o sufixo aparece nas três pessoas do singular e na terceira pessoa do plural. Para ilustrar, segue a conjugação do verbo *capire* 'entender':

**Tabela 36: Conjugação do verbo *capire* no presente do indicativo**

<i>capisco</i>
<i>capisci</i>
<i>capisce</i>
<i>capiamo</i>
<i>capite</i>
<i>capiscono</i>

No presente do subjuntivo, a distribuição é idêntica:

**Tabela 37: Conjugação do verbo *capire* no presente do subjuntivo**

<i>capisca</i>
<i>capisca</i>
<i>capisca</i>
<i>capiamo</i>
<i>capiate</i>
<i>capiscano</i>

O imperativo italiano não apresenta a primeira pessoa do singular. Nesse caso, o sufixo *-sc-* aparece na segunda e na terceira pessoa do singular e na terceira pessoa do plural:

**Tabela 38: Conjugação do verbo *capire* no imperativo**

<i>capisci</i>
<i>capisca</i>
<i>capiamo</i>
<i>capite</i>
<i>capiscano</i>

### 2.12. Espanhol

O sufixo latino *-sc-* assume no espanhol a forma fonética [sk] diante de [o] e [a] e a forma [θ] diante de outras vogais (Bradley e Mackenzie, 2004). No espanhol arcaico, diante das vogais [i] e [e] a forma assumida era [tʰs] (Bolufer, 1903).

Sua grafia é variada, sendo conservadora em alguns verbos, como *nascere* 'nascere' ou grafada com *-zc-* como em *conduzco* 'eu conduzo' e com *-c-*, como em *conduces* 'você conduz'. Registros do espanhol arcaico dão conta de haver ainda uma variação com *ç*, como em *naçes* 'você nasce' e *sç*, como em *naçes* (Bolufer, 1903).

Alguns verbos espanhóis ainda conservam uma noção incoativa/causativa, como *endurecer* 'endurecer' e *florecer* 'florescer'.

Bolufer (1903, p.) propõe uma divisão para o que ele chama de "incoativos em *acer*, *ecer* e *ocer*"<sup>49</sup> em três grupos:

(i) Verbos genuinamente latinos, ou seja, verbos espanhóis cuja forma imediatamente remonta ao latim. Exemplos desse grupo seriam *florecer*, do latim *florescere* 'florescer'; *endurecer*, do latim *indurescere* 'endurecer' e *conocer*, do latim *cognoscere* 'conhecer'.

<sup>49</sup> No original: "Los incoativos en *acer*, *ecer* y *ocer*".

(ii) Verbos que derivam da forma incoativa de verbos não-incoativos. Dos verbos latinos *adpetere* 'apetecer' e *pertinere* 'pertencer' não se encontram correspondentes diretos do espanhol, mas sim as formas *apetecer* e *pertencer*, cuja origem remonta à forma incoativa dos verbos latinos: *adpetescere* e *pertinescere*.

Bolufer afirma ainda que, na formação do espanhol, houve uma predileção pela forma incoativa. Assim, enquanto o espanhol apresenta *florecer*, o catão apresenta *florir* e o francês *fleurir*, oriundos do latino *florere* 'estar em flor'.

(iii) Verbos de formação espanhola, seguindo o padrão de verbos com as terminações em *-cer*. Como exemplos, o autor cita *reblandecer* 'suavizar, abrandar', *empequeñecer* 'apequenar' e *ennegrecer* 'enegrecer'.

Os verbos nessa língua se organizam da seguinte maneira:

1ª conjugação: -ar

2ª conjugação: -er

3ª conjugação: -ir

Os verbos espanhóis terminados em *-cer* são tradicionalmente da segunda conjugação. O paradigma desses verbos, porém, é comum aos dessa conjugação apenas no presente e no pretérito imperfeito do indicativo. Nos demais casos, segue o paradigma de verbos de terceira conjugação. Abaixo, um quadro ilustrando a conjugação do verbo *aparecer* 'aparecer' no presente e no pretérito imperfeito do indicativo.

**Tabela 39: Conjugação do verbo *aparecer* no presente e no pretérito perfeito do indicativo**

PRESENTE	PRETÉRITO PERFEITO
<i>aparezco</i>	<i>aparecía</i>
<i>apareces</i>	<i>aparecías</i>
<i>aparece</i>	<i>aparecía</i>

<i>faparecemos</i>	<i>aparecíamos</i>	<b>2.1</b> <b>3.</b>
<i>aparecéis</i>	<i>aparecíais</i>	
<i>aparecen</i>	<i>aparecían</i>	

### **Friulano**

O friulano é falado na região do Friul, no nordeste da Itália. Os primeiros registros da língua datam do século XIV, em traduções a partir do latim oriundos da escola notarial de Cividale, conforme aponta o portal PROEL<sup>50</sup>. As informações gramaticais foram obtidas a partir do manuscrito de Sandri Carrozo, disponível na internet<sup>51</sup>.

#### **2.13.1. O sufixo -ss-**

O sufixo -sc- assume a forma fonética [s] no friulano e é grafado como -ss. O sufixo não acrescenta valor semântico ao verbo, servindo apenas como componente do paradigma do presente do indicativo de verbos da terceira conjugação, mas não de todas as pessoas, apenas da segunda do singular e da terceira do plural. Os verbos nessa língua organizam-se em três paradigmas conjugacionais:

1<sup>a</sup>: -â

2<sup>a</sup>: -ê, -i

3<sup>a</sup>: -î

Abaixo, o quadro de declinação do verbo *finî* 'terminar', no presente do indicativo:

**Tabela 40: Conjugação do verbo *finî* no presente do indicativo**

<i>finis</i>
--------------

<sup>50</sup> Disponível em:

<http://www.proel.org/index.php?pagina=mundo/indoeuro/italico/romance/retorromance/friulano> Acessado em 24/11/2015

<sup>51</sup> Disponível em: [https://drive.google.com/open?id=0B17Aig\\_kvqUdZDVnZWtPZ2dYWfK](https://drive.google.com/open?id=0B17Aig_kvqUdZDVnZWtPZ2dYWfK) Acessado em 24/11/2015

<i>finis</i>
<b>sis</b>
<i>finis</i>
<i>finis</i>
<i>finin</i>
<i>finis</i>
<b>sin</b>

## 2.14. Português

### 2.14.1. O sufixo -c-

Na língua portuguesa, o sufixo latino -sc- assume a forma fonética [s] e é grafado como -c- ou -ç-, esta última forma apenas seguida de /o/ ou /a/. Nessa língua, o sufixo mantém o caráter incoativo nos verbos intransitivos, como em (1), e é causativo nos verbos transitivos, como em (2). Também é possível causativizar verbos incoativos acrescentando um argumento, como em (3)..

- (1) A fruta apodreceu.
- (2) A mãe entristeceu a filha.
- (3) O sol apodreceu a fruta.

Alguns verbos que apresentavam o sufixo -sc- no latim sem que houvesse a eles aspecto associado, como *crescere* e *nasci*, no português mantêm o sufixo e a ausência de aspecto associado a ele: *crescer* e *nascer*

O sufixo distribui-se por todo o paradigma conjugacional dos verbos, aparecendo em todos os temas e modos, além das formas nominais - infinitivo, gerúndio e particípio.

O português apresenta uma característica atípica em relação às outras línguas românicas aqui descritas: os verbos causativos e incoativos formados pelo sufixo -sc- são formados através de um processo parassintético<sup>52</sup>, ou seja, tanto o sufixo quanto o prefixo unem-se simultaneamente à raiz. Exemplos desse processo

<sup>52</sup> Parece que a única exceção é *florecer*.

foram encontrados apenas em asturiano e espanhol, notadamente, línguas muito próximas ao português.

Retomando o conceito de parassíntese: é o processo em que um prefixo e um sufixo se unem a uma mesma base e representam um mesmo morfema. Assim, no verbo *apodrecer*, tanto o prefixo *a-* quanto a terminação sufixal *-ecer* devem unir-se à raiz *podr-* para a formação do verbo incoativo. Como costumam ensinar os manuais didáticos da gramática tradicional, não existe na língua a forma *\*apodr* e nem a forma *\*podrecer*.

Na seção destinada à língua latina deste texto, viu-se que inicialmente sugeriram os verbos com o sufixo *-sc-* para depois aparecerem as preposições. Logo, em latim, havia tanto a forma *calesco* quanto a forma *incalesco*.

#### 2.14.2. Sobre o sufixo *-e-* e sua origem

No PB<sup>53</sup>, ocorre ainda verbos causativos e incoativos sem a presença do sufixo *-c-*:

*endoidar, clarear, florear, carear, enervar, enraivar, sombrear, branquear, murchar, tontear*

Nesses exemplos, há dois grupos: (i) verbos que perderam o sufixo *-c-* e passaram a seguir o paradigma da primeira conjugação, como *endoidar* e *enraivar* e (ii) verbos que não apresentam nem o sufixo nem o prefixo, como *sombrear* e *branquear*. Nesse caso, há a presença do sufixo *-e-* entre a raiz e as desinências verbais.

Assim como discussões sobre o sufixo *-c-* na literatura nomeiam o sufixo *-ecer*, adicionando ao sufixo uma vogal de ligação, uma vogal temática e o sufixo de infinitivo, no caso do sufixo *-e-* as informações encontradas foram sobre o sufixo *-ear* (Ali, 1964; Coutinho, 1976; Lemle, 2002; Oliveira, 2008; Silva e Campos, 2009).

---

<sup>53</sup> Para esta dissertação, não foram feitas pesquisas em *corpus* de outras variedades do português que não o PB.



Coutinho (1976) afirma que tanto o sufixo *-ear* quanto o sufixo *-ejar* provêm do sufixo latino *-idiare*, que, por sua vez, tem sua origem no grego *-izein*<sup>5455</sup>. Como mencionado acima, *-ear* é uma estrutura complexa, formada pelo sufixo *-e-*, a vogal temática *-a-* e o sufixo de infinitivo *-r*. Dessa maneira, é possível reinterpretar Coutinho (1976) e afirmar que o sufixo *-e-* deriva de *-idi-*.

O sufixo grego *-iz*<sup>5657</sup>, conforme Brandão (2005) aponta, forma verbos a partir de verbos ou nomes. Sua penetração no latim vulgar através da terminação *-idiare*, segundo Väänänen (1985), se deu por meio da Igreja, a partir de verbos como *baptidiare* ‘batizar’, *catheciare* ‘catequisar’ e *exorcidiare* ‘exorcizar’. O autor traz ainda a grafia *-iziare*, o que indica que essa terminação latina também serviu de fonte para verbos em *-izar* no português. Väänänen indica variantes nas línguas românicas: em italiano *-eggiare*, em francês *-oyer* e em espanhol e português *-ear*. Por fim, Maurer Junior (1959) também cita o latim eclesiástico como a porta de entrada do sufixo grego no latim vulgar, por volta do século V ou VI.

O que mais interessa a esta dissertação são verbos como *branquear*, *carear*, *tontear* e *sombrear*. Isso porque da raiz desses verbos também se formam estruturas parassintéticas: *embranquecer*, *encarecer*, *entontecer* e *ensombrecer*.

#### 4. 2.15. Considerações finais do capítulo

Neste capítulo, diversas línguas românicas foram trazidas à tona, a fim de verificar de que maneira o sufixo latino *-sc-* se desenvolveu nelas, principalmente levando em conta se continuou alguma noção aspectual ou não. Na maioria das línguas descritas (romeno, ladino, lígure, napolitano, ocitano, romanche, francês, catalão, italiano e friulano) o sufixo latino deixou de indicar aspecto, unindo-se a temas verbais, geralmente da quarta conjugação.

Em uma minoria das línguas (corsa, português, espanhol e asturiano), o sufixo *-sc-* marca aspecto. Em corsa, especialmente, houve a inovação de associar a noção progressiva ao sufixo. Nas demais línguas, atua como marcador de aspecto

<sup>54</sup> Essa forma corresponde ao infinitivo presente na voz ativa.

<sup>55</sup> No alfabeto grego: *-ίζειν*

<sup>56</sup> Essa forma corresponde à primeira pessoa do singular.

<sup>57</sup> No alfabeto grego: *-ίζ-*

incoativo/causativo. Em asturiano, existem muitos verbos incoativos/causativos formados apenas por sufixação. Já em português a maioria deles se forma a partir da parassíntese.

É essa formação parassintética que será explorada no próximo capítulo, a partir das informações até aqui apresentadas. O capítulo 3 concentra-se em uma análise teórica do que foi dito sobre o português. Não foi viável realizar uma abordagem teórica para cada uma das vinte línguas abordadas e considerou-se profícuo concentrar-se na formação e evolução da parassíntese no português. Certamente, pesquisas futuras poderão enquadrar as descrições apresentadas nesta dissertação em tratamentos teóricos.

Além da parassíntese, encontra-se no próximo capítulo uma análise de possível relação entre os verbos em -e- e as estruturas parassintéticas do português.

## **Capítulo 3: Parassíntese e Quebra de Simetria**

### **Introdução**

Neste capítulo, serão apresentadas as discussões pertinentes aos dados dispostos no capítulo 1 e 2, especialmente sobre o desenvolvimento do sufixo latino -sc- até o português. Na seção 3.1., debate-se o conceito de parassíntese, conforme autores da tradição gramatical e referências da pesquisa linguística em morfologia. Na seção 3.2., apresenta-se o conceito de quebra de simetria, em que se sustentará

a hipótese levantada nesta dissertação, a de que a existência de formas assimétricas (o morfema concentra-se em apenas uma posição do verbo, ou como prefixo ou como sufixo) como *endoidar* provêm de formações simétricas (o morfema se distribui descontinuamente pelo verbo, como prefixo e sufixo ao mesmo tempo) como *embranquecer* e *endoidecer*. Isso significa que a partir de estruturas simétricas (*endoidecer*) formaram-se estruturas assimétricas (*endoidar*), em um processo chamado de *quebra de simetria* (Di Sciullo, 2011).

Além disso, na seção 3.3., propõe-se a existência de um traço [+incoativo], que se transfere do sufixo latino *-sc-* para o prefixo, passando a ocorrer um compartilhamento de traços. Isso instaura a parassíntese, que deixa de existir a partir da quebra de simetria, levando à transferência total do traço [+incoativo] para o sufixo (*endoidecer* > *endoidar*). Ainda nessa seção, uma comparação entre o traço [+incoativo] e [+negativo] é realizada, a fim de traçar paralelos entre a parassíntese e o ciclo de Jespersen. Na seção 3.4., uma conciliação entre a abordagem de traços e a quebra de simetria é proposta.

Na seção 3.5, vale-se da teoria da gramaticalização para concluir a análise sobre o fenômeno, assumindo a hipótese de que o sufixo indo-europeu *-sk-*, um verbalizador, tornou-se mais gramatical ao se especializar como marcador de aspecto no latim. No latim, os verbos com o sufixo aspectual *-sc-* passaram a ocorrer com prefixo e, por causa da transferência de traços, foi se enfraquecendo até desaparecer, no português, como previsto no princípio da unidirecionalidade da gramaticalização, restando ao prefixo desempenhar o papel de marcador aspectual nesses verbos. Finalmente, a seção 3.6. apresenta as considerações finais do capítulo.

### **3.1. A parassíntese**

A parassíntese é também referida na literatura linguística como circunflexão, a partir da noção de que os morfemas envolvidos nesse processo de formação de palavras - os afixos - circundam o elemento a que se unem. Por isso, para esta parte do trabalho foram verificadas definições tanto sobre *parassíntese* quanto *circunflexão*, bem como *circunfixo*, isto é, os afixos que participam da circunflexão.

Assume-se aqui a noção de parassíntese de Brown e Miller (2013, p.75). Os autores não apresentam o verbete parassíntese, mas a definição pode ser

encontrada no termo *circunfixo*: “uma combinação de prefixo e de afixo formando um afixo completo que, por sua vez, se une à raiz”<sup>58</sup>. Para melhor compreensão sobre o tema, bem como para sustentar a escolha pela definição acima, nesta seção discutem-se outras propostas para os termos referentes à parassíntese.

Na seção 3.1.1., apresentam-se os conceitos conforme ~~os~~ autores de Gramática Tradicional do português, a saber: Faraco e Moura (1996), Cipro Neto e Infante (1999), Luft (2002), Cunha e Cintra (2008) e Rocha Lima (2011). Na seção 3.1.2., o que se encontra nos dicionários de Linguística de Trask (1993), de Crystal (2008), além da já referida definição de Brown e Miller (2013). Na seção 3.1.3 estão as obras específicas sobre morfologia de Spencer e Zwicky (1998), Henriques (2007), Aronoff e Fudeman (2011) e Booij (2012).

Se por um lado as obras de gramática tradicional concentram-se mais em prescrições sobre a língua, os dicionários de linguística trazem breves definições, sem muito se aprofundarem nos temas; assim, analisar textos específicos sobre morfologia fornece a oportunidade de ampliar as discussões sobre a parassíntese.

### 3.1.1. A Gramática Tradicional

Na tradição gramatical do português, o conceito de parassíntese é geralmente explorado ao se tratar de processos de formação de palavras, tais como a prefixação e a sufixação. Cinco obras foram consultadas para esta seção: Faraco e Moura (1996), Cipro Neto e Infante (1999), Luft (2002), Cunha e Cintra (2008) e Rocha Lima (2011).

Faraco e Moura afirmam que a parassíntese “ocorre pela junção simultânea de um prefixo e de um sufixo a um radical” (FARACO e MOURA, 1996, p.134). Os autores listam como exemplo *a-joelh-ar*, *es-clar-ecer* e *en-gavet-ar*.

Cipro Neto e Infante, por sua vez, definem que ocorre a parassíntese “quando a palavra derivada resulta de acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo à palavra primitiva” (CIPRO NETO e INFANTE, 1999, p.77). Destacam também que é “um processo que dá origem principalmente a verbos a partir de substantivos e adjetivos.

---

<sup>58</sup> No original: “A combination of prefix and suffix that is considered to form a complex affix attached to a stem”.

” (Idem). Ao citar exemplos, dividem entre verbos oriundos de substantivos, como *abençoar*, *amaldiçoar*, *engatilhar*, *amanhecer*, *ensaboar* e *enraizar* e verbos provenientes de adjetivos, como *enrijecer*, *engordar*, *entortar*, *endireitar*, *esfriar* e *avermelhar*.

Segundo Luft, a derivação parassintética é aquela em que ocorre a “ampliação de palavra primitiva pela junção simultânea de prefixo e sufixo” (LUFT, 2002, p.129) Ressalta que os prefixos principais são *a-*, *des-* e *en-*; enquanto que os principais sufixos são *-e(ar)*, *-ec(er)*, *-ej(ar)* e *-inh(ar)*. Como exemplo de palavras, cita *a-manh-ecer*, *e-murche-cer*, *a-pedre-jar* e *de-salm-ado*. Luft destaca, ainda, a agramaticalidade de construções sem o prefixo ou sufixo, como *\*velhecer* ou *\*envelh*. Por fim, o autor aponta que “como prefixo e sufixo, na parassíntese, traduzem um só significado; constituem, pois, um único morfema – um “morfema descontínuo”. (LUFT, 2002, p.130).

Cunha e Cintra, a partir dos exemplos *repatriar* e *desalmado*, por não haver para essas palavras os substantivos *desalma* ou *repatria*, tampouco o adjetivo *almado* ou o verbo *patriar*, conceitua parassíntese como um processo em que vocábulos são “formados pela agregação simultânea de prefixo e sufixo a determinado radical” (CUNHA e CINTRA, 2008, p.116). Os autores indicam que o processo de formação parassintético é produtivo em verbos, sem indicar se há algum grupo mais suscetível ao fenômeno, e atuam principalmente os prefixos *a-* e *em-* (*en-*). Citam ainda outros casos: *abotoar*, *embainhar*, *amanhecer* e *ensurdecer*.

Por fim, apresenta-se a visão de Rocha Lima, segundo a qual a parassíntese consiste “na criação de palavras com o auxílio simultâneo de prefixo e sufixo” (ROCHA LIMA, 2011, p. 265). Ressalta que esse processo é comum na formação de verbos tanto de base substantiva, como *enforçar*, quanto de base adjetiva, como *entristecer*. A exemplo de Cipro Neto e Infante, Rocha Lima apresenta listas de verbos parassintéticos conforme sua base. Dentre os de base substantiva encontram-se *acorrentar*, *afadigar*, *ajoelhar*, *alistar*, *amaldiçoar*, *amanhecer*, *associar* e *despedaçar*. Já dentre os de base adjetiva estão *afear*, *afrancesar*, *amolecer*, *ensandecer*, *enternecer*, *esclarecer* e *esfriar*. Conforme diz Rocha Lima, “parassintéticos de outras classes, como, por exemplo, *subterrâneo*, *desnaturado*, etc., não se formam com igual facilidade” (Idem).

Todos os autores estudados apresentam consenso quanto à definição de parassíntese, bem como apresentam exemplos similares e que confirmam suas afirmações. É pertinente também a observação de que o fenômeno ocorre majoritariamente em verbos, sendo Rocha Lima e Cunha e Cintra os únicos autores a trazer exemplos de formações parassintéticas não verbais.

A distinção da natureza da base verbal (se adjetiva ou substantiva) elaborada tanto por Rocha Lima como Cipro Neto e Infante, somada à lista de prefixos fornecida por Luft, são elaborações úteis à descrição linguística e que fogem ao tom prescritivo da gramática tradicional.

Luft (2002) demonstra que as formas sem prefixo ou sem sufixo por si só não existem na língua. Esse método também é utilizado por Mattoso Câmara (1977), defendendo a abordagem sincrônica da língua. É possível ainda destacar Luft em comparação com seus colegas gramáticos por utilizar o termo *agramatical* em detrimento do termo *errado*, se distanciando, dessa maneira, da abordagem prescritiva da gramática tradicional e se aproximando dos linguistas, foco das duas próximas seções.

### 3.1.2. Dicionários de Linguística

Além da definição conforme o dicionário de Linguística de Brown e Mille (2013), serão examinadas aqui as obras de Trask (1993) e Crystal (2008). Os dicionários consultados foram aqueles disponíveis para a pesquisa e que incluíam pelo menos um dos termos: *parassíntese*, *circunflexão* ou *circunfixo*. Demais obras consultadas sem, no entanto, constar um desses verbetes foram Pei e Gaynor (2007), Matthews (2007) e Bussmann (2006).

A definição de parassíntese<sup>59</sup> segundo o dicionário de Trask (1993, p.43), é “um tipo de formação de palavras em que um sintagma é combinado com um afixo, como em *red-haired*<sup>60</sup>”. Entende-se, porém, que o conceito apresentado por Trask

---

<sup>59</sup> No original, *parasyntesis*

<sup>60</sup> *Ruivo*, em português.

é por demais genérico, podendo corresponder, por exemplo, à prefixação, como no exemplo do autor, à sufixação, como em *felizmente* ou ainda infixação, caso da palavra khmu *smka:t* ‘enrugar-se’, a partir de *ska:t* ‘enrugado’ (Booij, 2012), uma vez em que todos esses casos o que se vê é um afixo unindo a um sintagma.

Já para o termo *circunfixo*<sup>62</sup>, Trask traz a definição: “um afixo que é realizado como uma combinação de um prefixo e um sufixo”, próxima à noção aqui adotada. Há que se ressaltar, porém, que o que Trask denomina de afixo neste trabalho entende-se como morfema, já que, consoante Katamba e Stonham (2006), aquilo que é *realizado* são os morfemas, através dos morfes. Na definição de Trask, o conceito de afixo assemelha-se ao de morfema (noção abstrata) e não ao de morfe, elemento físico.

Crystal (2008), no verbete *afixo*, traz a informação de que *circunfixo* e *ambifixo*<sup>63</sup> são termos menos comuns e se referem a uma combinação de prefixo e sufixo, afirmação coerente à adotada neste trabalho.

A definição de Brown e Miller (2013), que encabeça esta seção, é aquela considerada mais pertinente para a análise a ser desenvolvida aqui. Repetindo-a: “uma combinação de prefixo e sufixo que é considerada formar um afixo complexo unido à raiz”. Nela, está detalhado o aspecto formal da parassíntese (junção de prefixo e sufixo) e o aspecto representacional, isto é, o fato de essas estruturas corresponderem a um único morfema (também destacado na obra de Luft acima mencionada), correspondendo, assim, ao que os autores chamam de afixo complexo.

Por se tratarem de obras breves, feitas para consulta, os dicionários de Linguística consultados apresentam sem muitos detalhamentos um conceito de parassíntese. Na obra de Trask, a parassíntese foi definida de maneira muito genérica, podendo servir a qualquer processo de afixação. Nesse mesmo autor, houve problemas quanto ao conceito de afixo, ficando indistinta a já tradicional separação entre morfe e morfema, sendo o primeiro uma estrutura concreta e o

---

<sup>61</sup> No original: “A type of word formation in which a phrase is combined with an affix. as in *red-haired*”

<sup>62</sup> No original, *circumfix*

<sup>63</sup> No original, *circumfix* e *ambifix*.

segundo uma noção abstrata. As demais definições estão coerentes com o que se propõe nesta dissertação.

### 3.1.3. Os Morfólogos

Nesta seção, foram consultadas as obras de Spencer e Zwicky (1998), Henriques (2007), Aronoff e Fudeman (2011) e Booij (2012). Os autores foram selecionados por apresentarem explicações pertinentes ao tema desta dissertação, bem como pelo destaque e atualidade de suas obras na literatura linguística.

Spencer e Zwicky (1998) afirmam que a circunflexão se caracteriza por prefixação e sufixação simultâneos, ressaltando que “na maioria dos casos, tanto o prefixo quanto o sufixo são atestados independentemente, geralmente com significados e funções diferentes”<sup>64</sup> (Spencer e Zwicky, p.97, 1998). Em português, os verbos parassintéticos incoativos/causativos como *envelhecer* e *apodrecer* apresentam os prefixos *en-* e *a-*, presentes em verbos de sentido incoativo como *encurtar*, *enrugar*, *alongar* e *abaixar*. No entanto, verbos como *enlatar* e *abraçar* são formados pelos mesmos sufixos *en-* e *a-*, mas sem o sentido incoativo.

Para Henriques (2007), a parassíntese “é um processo derivacional que envolve a simultaneidade de afixos”. Acrescenta que se trata “de caso singular em que o prefixo pode não apresentar significado algum, o que é relevante em relação a esse morfema que (...) é normalmente dotado de significação externa” (Henriques, 2007, p.90). A fala do autor sobre o fato de os prefixos normalmente possuírem significados pode ser exemplificada pela oposição *feliz/infeliz*, em que o prefixo *in-* acrescenta um sentido a *feliz*. Já nas formações parassintéticas, como *envelhecer*, o prefixo *en-*, por si só, não acrescenta noção aspectual, mas sim a combinação *en-* e *-c-*.

Aronoff e Fudeman (2011) afirmam que os circunfixos são um desafio clássico à noção de morfema, especialmente quando a definição para essa categoria é de “um emparelhamento entre som e significado” (Aronoff e Fudeman, 2011, p. 2)<sup>65</sup>.

---

<sup>64</sup> No original: In most cases both prefix and suffix are independently attested, usually with rather different meanings or functions.

<sup>65</sup> No original: a pairing between sound and meaning.



Isso porque os circunfixos não são elementos contínuos na forma, mas representam um mesmo morfema.

Segundo Booij (2012), a circunfixação, bem como a infixação, é um processo muito mais raro que a prefixação ou a sufixação e se define como uma combinação de prefixo e sufixo. O autor traz ainda exemplos do processo em holandês: *gefietst*, particípio passado de *fiets* ‘pedalar’, e em alemão: *gesinge*, substantivo a partir de *sing* ‘cantar’.

A partir dos trabalhos desse grupo de autores aqui designados como *morfólogos*, percebe-se a coerência com o que vem sendo afirmado sobre a parassíntese desde os capítulos descritivos: a agramaticalidade das construções sem o prefixo ou o sufixo. Os autores ainda destacam que, em construções parassintéticas, os afixos envolvidos não necessariamente representarão as mesmas noções.

Isso decorre da principal característica da parassíntese: a descontinuidade na representação de uma estrutura abstrata. Ou seja, existem dois elementos (dois morfemas) representando uma só noção abstrata (um único morfema) interpostos por uma raiz. Esse tipo de fenômeno também é conhecido como *morfema descontinuo* (Harris, 1981; Carlson, 1983).

Tratando especificamente sobre os dados do português, o prefixo *en-* de *enlatar* representa um morfema que indica movimento para dentro, daí o significado do verbo ‘inserir na lata’. No verbo *encarecer*, o prefixo *en-* já não traz a noção de movimento para dentro: o sentido incoativo/causativo do verbo é alcançado apenas pela coocorrência de *en-* e *-c-*. São, portanto, morfemas de um morfema incoativo.

Na próxima seção, a quebra de simetria e seu lugar na teoria linguística será abordada, para, finalmente, haver a apresentação da proposta teórica.

### 3.2. Quebra de simetria

A partir da leitura de Di Sciullo e Somesfalean (2013), é possível compreender que existe simetria quando há duas estruturas para uma mesma função. As autoras mostram que no romeno antigo (1a) determinantes pós-nominais e pré-nominais eram possíveis, mas não em romeno moderno (1b):

(1) a.	<i>muieriei</i>	<i>tale</i>	<i>ii</i>	<i>Sara fi</i>	<i>va</i>	<i>ficior</i>
	esposa	DEF.DAT	sua.DAT	Sara ser	FUT	filho

‘Para a esposa, para a sua Sara, ele será filho’

(Coteanu, 1956)

<p>b. <i>copilul</i>, menino.DEF.NOM/ACC ‘o menino, a menina’</p>	<p><i>copilei</i> menina.DEF.GEN/DAT</p>
---	--

(Di Sciullo e Somesfalean, 2013)

No sintagma de (1a) [*murieŃ*], *-i* é um determinante pós-nominal, ao passo que em [*Ńi Sara*], *Ńi* é um determinante pré-nominal. Argumentam as autoras que se trata de uma evidência de simetria no romeno antigo, já que há duas estruturas, uma pré e outra pós-nominal, para uma mesma função, a de determinante.

(1b) mostra que apenas o determinante pós-nominal, o sufixo *-l* no masculino e *-ei* no feminino, aparece. Assim, o romeno deixou de apresentar a simetria na estrutura de marcação do determinante e somente uma das duas formas anteriores permaneceu na língua. Segundo Di Sciullo e Somesfalean, houve na evolução do romeno um fenômeno conhecido como *quebra de simetria*, em que uma estrutura simétrica (a marcação do determinante) passa a ser assimétrica.

Conforme as autoras, “a simetria introduz pontos de escolha, logo, instabilidade, em um sistema que procura eliminar isso para reestabelecer um estado simétrico estável”<sup>66</sup> (Di Sciullo e Somesfalean, 2013, p.123). Portanto, a *quebra de simetria* é o processo em que uma estrutura simétrica se torna assimétrica, a fim de estabelecer o equilíbrio em um sistema.

A quebra de simetria pode ser vista como um fenômeno que transcende diferentes áreas. As autoras, no artigo em questão, relacionam o processo linguístico ao que ocorre na biologia. Palmer (1996, 2004) trata a quebra de simetria como processo crucial na variação e mudança dos seres, dentro do quadro da biologia evolutiva do desenvolvimento, a evo-devo (Carroll, 2008; Müller, 2007). A quebra de simetria também é relatada como elemento atuante na natureza, através de estudos da física, sendo inclusive a ela atribuída a separação entre as quatro forças fundamentais do universo (Djouadi, 2008; Gasperini e Veneziano, 2003; Gross, 1996; Kazanas, 1980). Há estudos sobre o fenômeno também na

---

<sup>66</sup> No original: *Symmetry introduces choicepoints, thus instability in a system that seeks to eliminate it in order to reinstate an asymmetrical stable state.*

matemática, especialmente quanto aos números complexos (Sattinger, 1980; Ionin e Matushansky, 2006). Di Sciullo (2012)<sup>67</sup>, em uma conferência na universidade de Harvard, abordou a relação entre números complexos, quebra de simetria, minimalismo e faculdade da linguagem.

A quebra de simetria será retomada na seção 3.4. Esta introdução serviu para apresentar um elemento fundamental da hipótese a ser defendida. Na próxima seção, outro elemento essencial será introduzido, o traço [+incoativo].

### 3.3. Análise a partir do conceito de traço

#### 3.3.1. O traço [+incoativo]

Como anteriormente visto, o sufixo latino *-sc-*, em sua etapa causativa/incoativa, unia-se aos temas unicamente pela sufixação. De *caleo* ‘eu estou quente’, formava-se *calesco* ‘eu me torno quente’. Se esses verbos apresentassem sufixos, devia-se a uma prefixação posterior à sufixação, de modo que o verbo *incalescere* ‘tornar algo quente’ não é formado por parassíntese, mas sim da prefixação do já existente *calescere*.

Retoma-se, neste ponto, a proposta de Allen (1982), segundo a qual o verbo latino *crescere* ‘crescer’ foi o gatilho para a associação da estrutura *-sc-* à noção de incoatividade. A partir dessa intuição, propõe-se neste texto a existência de um traço [+incoativo] associado ao sufixo *-sc-*. Allen (1982) e Haverling (1994) afirmam que os verbos incoativos/causativos formados apenas por sufixação, como *calescere* e aqueles formados por prefixação e sufixação, como *incalescere*, não se diferenciavam em significado.

Apresenta-se aqui a hipótese: a partir de formações como *incalescere*, isto é, sufixação seguida de prefixação, o traço [+incoativo] encontrado no sufixo *-sc-* passou a ser compartilhado com o prefixo. O fato de o prefixo não acrescentar significado ao verbo a que se unia foi o fator que permitiu o compartilhamento do traço [+incoativo].

Portanto, a proposta aqui defendida é de que o processo que forma os verbos parassintéticos em português se originou no compartilhamento do traço [+incoativo]

<sup>67</sup> Disponível no link a seguir, acessado em 10 de setembro de 2015:

<http://www.er.uqam.ca/nobel/asymet/fr/pdf/Asymmetry%20in%20complex%20numerals.pdf>

entre um prefixo e o sufixo *-sc-*. Verbos como *anoitecer*, *envelhecer*, *entristecer* e *amanhecer* são parassintéticos por apresentarem dois morfemas (*a-/en-...+-c-*) e um único morfema, fenômeno nomeado anteriormente de *morfema descontínuo*. Outro modo de dizer isso é: em uma formação parassintética, o prefixo e o sufixo compartilham um mesmo traço.

Finalmente, elabora-se uma proposta teórica para verbos como *endoidar* e *branquear*. Embora não apresentem o sufixo *-c-*, essas formações são objeto deste texto porque são pares dos verbos parassintéticos. Assim, para o verbo *endoidar* existe *endoidecer* e para o verbo *branquear* existe *embranquecer*.

Propõe-se aqui que as formas prefixais como *endoidar* se originam a partir de um processo de transferência total do traço [+incoativo] do sufixo *-c-* para o prefixo. Dessa maneira, esvaziado de significado, o sufixo deixa de existir, resultando em um verbo novo na língua, alinhado ao paradigma da primeira conjugação, conforme se espera de novos verbos da língua portuguesa.

Já as formas sufixais, cujo sufixo caracterizador é *-e-*, são reflexo do esvaziamento de *-c-*, ao passo que o sufixo *-e-*, embora oriundo de um sufixo grego verbalizador, entrou no latim vulgar através de verbos que indicavam processos de mudança de estado, como *batidiare* e *catequidiare*. Assim, é possível propor que o sufixo entrou na língua portuguesa com um traço [+incoativo] e foi cooptado como forma alternativa à estrutura parassintética.

Com isso, afirma-se que existem duas alternativas à formação parassintética em português: uma prefixação, como *endoidar*, ou uma sufixação, como *branquear*. Infelizmente, ao longo da pesquisa não foi possível detectar o que condiciona a escolha entre uma alternativa e outra.

### 3.3.2. Uma visão sobre o traço [+negação] e o Ciclo de Jespersen

Jespersen (1924) discute um processo de evolução cíclico relativo à negação no inglês e no francês, tradicionalmente conhecido como Ciclo de Jespersen (Sousa, 2007; Larrivé, 2010; Fonseca, 2011; Ladusaw, 2012). Segundo o autor,

O advérbio negativo é frequentemente acentuado de forma fraca, porque alguma outra palavra na sentença tem de receber um acento contrastivo forte. Mas, quando o item negativo se torna uma mera sílaba proclítica ou até mesmo um único som, ele é percebido muito fracamente e precisa ser reforçado por alguma palavra adicional, e esta, por sua vez, pode vir a ser percebida como o elemento negativo de fato, que então pode

estar sujeito ao mesmo desenvolvimento da palavra original. (JESPERSEN, 1924, p.335)<sup>68</sup>

Isso pode ser visualizado na tabela abaixo, em que a frase 'Eu não sei' é apresentada em diferentes estágios da língua inglesa e da língua francesa. Em negrito, destacam-se os elementos negativos:

**Tabela 41: Evolução da negação em inglês e em francês**

ESTÁGIO	INGLÊS	FRANCÊS
1º	Ic <b>ne</b> secge	Jeo <b>ne</b> di
2º	I <b>ne</b> seye <b>not</b>	Je <b>ne</b> dis <b>pas</b>
3º	I say <b>not</b>	Je dis <b>pas</b>
4º	I do <b>not</b> say	
5º	I <b>don't</b> say	

No primeiro estágio, o item negativo ocorre na posição pré-verbal. O segundo estágio mostra a coocorrência de dois elementos negativos, um pré e outro pós-verbal. A terceira etapa exhibe apenas a negação pós-verbal, indicando que houve a deleção do primeiro elemento negativo. Na quarta etapa, o item de negação move-se para a direita do verbo. A quinta etapa, por fim, apresenta uma redução fonológica do item negativo.

Uma outra maneira de perceber o fenômeno descrito pelo autor é assumir a existência de um traço [+negação] presente no elemento negativo pré-verbal, indicado no primeiro estágio. No segundo estágio, esse elemento se enfraquece e o traço é compartilhado com o novo item - em inglês, o compartilhamento é entre *ne* e *not*; em francês é entre *ne* e *pas*. No terceiro estágio, há apenas o item novo, já que o elemento negativo original foi completamente esvaziado do traço [+negativo] e apagado. Com isso, tem-se um movimento cíclico, com base na tríade (i) *cooptação* - (ii) *enfraquecimento* - (iii) *desaparecimento*:

<sup>68</sup> No original: *The negative adverb is often weakly stressed, because some other word in the sentence has to receive a strong stress of contrast. But when the negative has become a mere proclitic syllable or even a single sound, it is felt to be too weak, and has to be strengthened by some additional word, and this in its turn may come to be felt as the negative proper. Which then may be subject to the same development as the original word.*

- (i) *cooptação* é o processo em que um item desprovido do traço [+negação] passa a fazer parte de estruturas negativas
- (ii) *enfraquecimento* corresponde à etapa em que o traço [+negação] passa a ser compartilhado por dois elementos, levando ao enfraquecimento do elemento negativo original.
- (iii) *Desaparecimento* é o processo em que o item negativo original deixa de fazer parte das estruturas negativas recorrentes das línguas, consequência da total transferência do traço [+negação]

O fenômeno descrito por Jespersen (1924) é semelhante ao aqui abordado: a estrutura parassintética existente em português é fruto da cooptação dos prefixos que apareciam nos verbos incoativos/causativos em -sc- no latim. Originalmente, esses prefixos não possuíam relação aspectual, uniam-se aos verbos indicando noções espaciais e temporais (Lehmann, 1983), no entanto, como afirmam Allen (1982) e Haverling (1994), verbos incoativos/causativos com préverbo não se diferenciavam de seus pares não prefixados. Isso possibilitou ao traço [+incoativo] ser compartilhado tanto pelo sufixo quanto pelo prefixo, caracterizando, assim, a parassíntese e causando o enfraquecimento do sufixo.

Em seguida, o esvaziamento do traço [+incoativo] no sufixo levou ao desaparecimento do sufixo e à existência de formas como *endoidar*, *enraivar*, *enricar*. As formações em -e- (*branquear*, *clarear*) parecem estar suprimindo alguma deficiência das raízes em permanecerem apenas com o prefixo - não existem as formas *embrançar*, *esclarar* -, mas na pesquisa desta dissertação não foi possível detectar qual o processo condicionante envolvido, infelizmente.

Lucas (2007), analisando o ciclo de Jespersen, diz que no segundo estágio do quadro acima, a negação pré-verbal e a negação pós-verbal constituem um morfema descontínuo. Essa análise corrobora a tentativa aqui realizada de aproximar o fenômeno descrito como ciclo de Jespersen à formação e evolução da estrutura parassintética no português.

Na próxima seção, será formalmente apresentada a hipótese e a explicação teórica, que une a proposta do traço [+incoativo] aqui apresentada à quebra de simetria anteriormente descrita.

### 3.4. O sufixo latino -sc- e a quebra de simetria

Por definição, a parassíntese é o processo de formação de palavras em que a um único morfema correspondem dois morfemas, um prefixo e um sufixo. Ou seja, a parassíntese consiste em oferecer duas estruturas a um mesmo significado. A partir disso, é possível dizer que a parassíntese é um processo morfológico simétrico. Assim, *embranquecer* e *endoidecer* são formações incoativas/causativas simetricamente constituídas.

Por outro lado, as formas *endoidar* e *branquear* apresentam uma formação assimétrica em relação à parassíntese, isto é, a apenas um morfema corresponde o morfema incoativo/causativo.

No latim, os verbos incoativos/causativos em -sc- eram formados por sufixação, um processo assimétrico, já que havia a correspondência 1:1 entre morfema e morfema. Na evolução do latim para o português, os verbos já sufixados que recebiam um prefixo passaram a ser o padrão de verbos incoativos/causativos, tendo essa estrutura se fixado e resultado em formações parassintéticas no português. Portanto, de uma estrutura assimétrica no latim, gerou-se uma estrutura simétrica no português.

Retomando Di Sciullo e Somesfalean (2013), a simetria gera desequilíbrio. Para que o sistema linguístico atingisse a estabilidade, seria necessário que essa simetria fosse eliminada, através do processo de *quebra de simetria*. Propõe-se aqui que estruturas como *branquear* e *endoidar* são formas incoativas/causativas assimétricas e se originam a fim de que a estabilidade no sistema linguístico seja alcançada, a partir do rompimento de estruturas como *embranquecer* e *endoidecer*.

Assim, o que se apresenta como hipótese aqui é que a existência de formas como *branquear* e *endoidar* se originam a partir das estruturas parassintéticas *embranquecer* e *endoidecer*. A proposta teórica aqui defendida é que isso ocorreu através de um processo sistemático, nomeado de quebra de simetria, em que estruturas simétricas precisam ser eliminadas da língua, uma vez que se baseiam em uma relação de desequilíbrio: para uma mesma noção, no caso aqui estudado a incoatividade/causatividade, existem duas estruturas correspondentes.

Em relação ao traço [+incoativo], introduzido na seção anterior, é possível afirmar que ele desempenha um papel fundamental nessa quebra de simetria. A quebra de simetria só ocorre porque há o compartilhamento de traço. E o que

permite que ela ocorra é justamente a transferência total do traço [+incoativo] do sufixo para o prefixo. Dessa maneira, a quebra de simetria em relação à passagem de estruturas parassintéticas para prefixais ou sufixais pode ser vista como um processo que ocasiona o esvaziamento de um dos morfemas do traço que ele representa.

Embora não seja objetivo desta dissertação descrever a quebra de simetria em estruturas parassintéticas em outras línguas que não o português, dados do malaio demonstram que a passagem de parassíntese para prefixação ou sufixação não ocorreu somente no português:

- (5) a. *banyak* ‘muitos’  
 b. *kabanyakan* ‘maioria’

(See, 1980)

- c. *banyakan* ‘maioria’

(Nordhoff, 2009)

See (1980) descreve que, em malaio, substantivos abstratos são formados com o acréscimo simultâneo do prefixo *ka-* e do sufixo *-an* a uma raiz, ou seja, uma estrutura parassintética. Em (6a) encontra-se a raiz, que, tendo ocorrido a parassíntese, resulta em (6b). Nordhoff (2009) afirma que a parassíntese não é mais um processo produtivo em malaio, por isso, (6c) apresenta apenas o sufixo.

O exemplo do malaio pode também ser analisado à luz da quebra de simetria e também pode-se adotar um traço [+abstrato] para explicar a passagem de uma estrutura parassintética (*ka-...-an*) para uma sufixal (*-an*). (6b) apresenta uma parassíntese, logo, o traço [+abstrato] é compartilhado tanto pelo prefixo *ka-* quanto pelo sufixo *-an*. Por uma pressão sistêmica que visa à eliminação das simetrias, o processo de quebra de simetria ocorre, gerando a transferência total do traço para o sufixo [*-an*].

O resultado da quebra de simetria é uma única estrutura assimétrica. No caso do romeno, trazido na seção 4.2. havia duas estruturas para o determinante. Com a quebra de simetria, apenas uma - sufixal - permaneceu. No português, a



quebra de simetria gerou uma estrutura prefixal (*endoidecer*>*endoidar*). Já no malaio, a parassíntese (*ka-...-an*) passou à sufixação (*-an*).

Embora a parassíntese seja tradicionalmente tratada como um processo de formação de palavras, a partir da abordagem de Lucas (2007) para o ciclo de Jespersen, tratando a dupla negação como um morfema descontínuo, também é possível estabelecer um paralelo não só como anteriormente feito ao se comparar o comportamento do traço [+negação] com o traço [+incoativo], mas também adicionar àquela análise a perspectiva da quebra de simetria.

A passagem do estágio 2, em que há dois elementos negativos em uma sentença, para o estágio 3, em que há apenas um, é precisamente quebra de simetria, já que de duas estruturas para a negação resta apenas uma. Buscando eliminar o desequilíbrio do sistema, a quebra de simetria propicia a transferência total do traço [+negação] do primeiro para o segundo elemento.

### 3.5. O fenômeno sob a perspectiva da Gramaticalização

#### 3.5.1. Definições

A Gramaticalização, conforme Hopper e Traugott (2003), é uma área que estuda o processo em que “itens lexicais e construções aparecem em certos contextos linguísticos, desempenhando funções gramaticais ou em que itens gramaticais desenvolvem novas funções gramaticais” (HOPPER e TRAUGOTT, 2003, p.1)<sup>69</sup>.

Um exemplo clássico em português de Gramaticalização são os dois usos da forma ‘ir’, que pode aparecer como um verbo lexical, como em (1), ou como marca de tempo (2):

- (1) Ana **vai** à padaria.
- (2) Ana **vai** ler *Dom Casmurro*.

Em (1), o elemento *vai* apresenta os traços lexicais referentes ao verbo *ir*, enquanto que em (2) esses traços não estão presentes, sendo essa forma correspondente ao FUTURO.

---

<sup>69</sup> No original: “lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions or how grammatical items develop new grammatical functions.”

A coexistência de formas idênticas com funções diferentes como a do exemplo é explicada pela Gramaticalização: o *vai* gramatical surgiu a partir do *vai* lexical, sem que, para isso, a forma lexical fosse preterida. Em nada assemelha-se ao que se entende por mudança linguística, exceto pelo caráter diacrônico.

Vitral *et al.* (2010) propõem que a gramaticalização é um processo de inovação linguística e não de mudança:

(...) queremos propor chamar o surgimento do item gramatical a partir de sua fonte lexical de inovação linguística, e não mais de mudança linguística, uma vez que não há verdadeiramente mudança, ou seja, o item lexical que serviu de fonte e o item gramatical que se tornou o produto do processo coexistem e dão continuidade, cada um no seu percurso, à sua evolução na língua. (VITRAL *et al.*, 2010, p.206-7)

A mudança linguística, conforme compreendida no quadro da *Teoria da Variação e Mudança* (Labov 1972 e trabalhos posteriores) ocorre após um processo em que formas de mesmo significado coexistem na língua até que uma delas supere a outra.

Analisando o exemplo acima do verbo *ir*, é possível esclarecer a noção de *inovação*: a forma encontrada em (2) é inovadora em relação a (1). Além disso, não há competição entre (1) e (2), já que elas não possuem as mesmas referências. Na verdade, *ir* em (1) é um verbo lexical, ao passo que em (2) é um marcador de tempo, logo, não poderiam, no sentido laboviano, estar envolvidas em um processo de competição que levaria à mudança.

Neste trabalho, argumenta-se que a evolução do sufixo *-sk-* é um caso de gramaticalização em que um item gramatical torna-se mais gramatical, em um processo que permite à língua o surgimento de formas inovadoras.

Retomando o processo da evolução do sufixo indo-europeu *-sk-*, apresentado no capítulo 1, houve uma fase em que ele era considerado verbalizador, isto é, unia-se às raízes tornando-as verbais, como nos verbos latinos *crescere* ‘crescer’, *poscere* ‘pedir’, *suescere* ‘acostumar-se’ e *noscere* ‘conhecer’. Em seguida, desenvolveu-se como sufixo aspectual, formando verbos a partir de substantivos, *ira* ‘ira’ > *irasci* ‘tornar-se irado’; adjetivos, *clarus* ‘claro’ > *clarescere* ‘tornar claro’ e verbos *frigere* ‘estar/ser frio’ > *frigescere* ‘tornar-se frio’.

Com base nisso, propõe-se que o processo acima descrito, dentro do quadro teórico da Gramaticalização, pode ser compreendido como *especialização*, definida

como “o processo de reduzir a variedade de escolhas formais disponíveis” (Hopper e Traugott, 2003, p. 116)<sup>70</sup>. Um sufixo verbalizador tem o potencial de se unir a qualquer raiz a ser verbalizada, mas um sufixo de aspecto inceptivo, por exemplo, não poderia unir-se a verbos que representam eventos pontuais, como *cair*: não se encontra, por exemplo, o verbo *\*cadesco* ‘começar a cair’. Dessa maneira, é possível dizer que houve gramaticalização do sufixo *-s-* na passagem de verbalizador a aspectual.

Ressalta-se que no processo de evolução de *-sc-*, as formas inovadoras não competiam com as formações originais, ou seja, não havia competição entre *-sc-* verbalizador e *-sc-* aspectual. Enquanto o primeiro unia-se a raízes genéricas, o segundo unia-se às raízes passíveis de indicar mudança de estado apenas para indicar esse processo.

A seguir, outra característica da gramaticalização relevante para esta dissertação é destacada: a unidirecionalidade.

### 3.5.2. A unidirecionalidade

Um dos aspectos mais relevantes da Gramaticalização diz respeito aos elementos envolvidos nesse processo percorrerem um caminho evolutivo único e irreversível, partindo do léxico rumo à gramática. A isso corresponde o *princípio da unidirecionalidade* (Borjäs e Vincent, 2011).

Hopper e Traugott (2003, p.7) afirmam haver uma *gradação de gramaticalidade*<sup>71</sup>, representada pelo esquema

Item lexical > palavra gramatical > clítico > afixo flexional<sup>72</sup>

A formação do futuro em português a partir do latim clássico é um tradicional exemplo de elementos gramaticais que seguiram esse percurso.

No latim clássico, havia quatro paradigmas conjugacionais, distintos pela vogal temática: *ā*, *ē*, *ě* e *ī*. Para os dois primeiros grupos, a desinência de futuro do

<sup>70</sup> No original: “the process of reducing the variety of formal choices available”

<sup>71</sup> No original: “cline of grammaticality”

<sup>72</sup> No original, *contente item > grammatical word > clitic > inflectional affix*

presente era o elemento *-b-*. Assim, *amabo* ‘eu vou amar’ e *delebo* ‘eu vou destruir’. Para os dois grupos restantes, existia uma cisão entre a desinência de primeira pessoa *-a-* e das demais pessoas *-e-*: *legam* ‘eu vou ler’ e *leges* ‘você vai ler’; bem como *audiam* ‘eu vou escutar’ e *audies* ‘você vai escutar’ (Almeida, 2000).

Ao longo do processo evolutivo que culminou nas línguas românicas, o complexo sistema relativo ao futuro do presente no latim tendeu a ser simplificado, prevalecendo a perífrase VERBO + *habere* ‘ter’ para indicar essa noção temporal. A forma *habere* origina-se do verbo lexical idêntico, cujo significado é ‘ter, possuir’, correspondendo à primeira etapa do processo de gramaticalização, em que se parte de um item lexical a um item gramatical. Nas novas construções de futuro, o verbo *habere* assumiria as desinências de pessoa, funcionando como um auxiliar, enquanto o verbo lexical conservaria a forma do infinitivo. Assim, *amare habeo* corresponde a ‘eu vou amar’, anteriormente *amabo* (Mercer, 2011).

Já na formação do português, a forma *habeo* sofreria sequentes alterações fonéticas, tornando-se o elemento *ei*, compondo a estrutura perifrástica de futuro *amar ei* ‘eu vou amar’. Nessa etapa, *ei* funciona como um clítico, apoiando-se na forma verbal infinitiva, correspondendo, portanto, à próxima etapa de gramaticalização proposta por Hopper e Traugott (2003), a fase clítica (idem).

Finalmente, temos a forma *amarei*, ainda presente no português contemporâneo, resultado da última etapa do esquema acima exposto, a fase de afixo flexional (ibidem).

Conforme mostram Börjars (2003) e Eckardt (2007), é possível acrescentar após a etapa ‘afixo’ na linha de unidirecionalidade acima exposta uma nova etapa:  $\emptyset$ . Ela corresponde à etapa em que o afixo, esvaziado de sentido e reduzido foneticamente, desaparece, consoante ao que Heine e Kuteva (2002, p. 2) denominam como *erosão*, ao elencarem as características fundamentais do processo de gramaticalização (adaptado a seguir):

- a) *dessemantização*, ou perda de conteúdo semântico;
- b) *extensão*, uso em novos contextos;
- c) *de categorização*, perda de propriedades morfossintáticas que determinam a categoria de um elemento.
- d) *erosão*: perda de substância fonética

Regressando ao estudo do sufixo *-sc-*, conforme descrito no capítulo 2, na passagem do latim para o português, esse sufixo ocorre em estruturas parassintéticas. Segundo argumentou-se nas seções anteriores deste capítulo, o que motivou a existência da parassíntese no português foi o compartilhamento do traço [+incoativo] entre o sufixo e o prefixo, em estruturas como *envelhecer* e *encarecer*. Soma-se a isso a redução fonética na passagem do latim para o português, de *-sc-* [sk] para *-c-* [s], correspondendo ao item (d) acima.

Já na passagem da parassíntese para a prefixação (*endoidecer* > *endoidar*), essa perda fonética foi total, resultando no desaparecimento do sufixo *-c-*, após a transferência do traço [+incoativo] para o sufixo.

Em síntese, este trabalho, quanto às formações parassintéticas no português, propõe que

- (i) ocorreu gramaticalização do sufixo *-sk-* no latim, tornando-o aspectual;
- (ii) o sufixo latino *-sc-* dotou-se, assim, do traço [+aspectual];
- (iii) os verbos latinos incoativos/causativos, seguindo uma tendência da língua latina, passaram a exibir um prefixo, sem que ele, no entanto, alterasse a semântica desses verbos e isso propiciou o compartilhamento do traço [+incoativo] entre o sufixo e o prefixo;
- (iv) esse compartilhamento gerou uma estrutura simétrica, a parassíntese, no português;
- (v) por ser simétrica, a estrutura parassintética propicia a existência de duas estruturas (morfes) para uma só noção (morfema incoativo) e o sistema linguístico tende a eliminar simetrias, segundo os autores abordados na seção 3.3., via quebra de simetria, fazendo com que o traço [+incoativo] se transferisse do sufixo para o prefixo, esvaziando-o e permitindo seu apagamento fonético;
- (vi) a quebra de simetria gerou estruturas prefixais no português, ou seja, de *endoidecer* formou-se *endoidar*.

Di Sciullo e Somesfalean (2013) em seu estudo sobre quebra de simetria a partir de uma perspectiva biolinguística, afirmam que esse mecanismo pode ser útil à linguística pois

questões como por que as línguas mudam e por que a gramaticalização existe podem ser direcionadas com base na existência de leis reais que governam o desenvolvimento e evolução das formas biológicas. (Di Sciullo e Somesfalean, 2013, p.122)<sup>73</sup>

Segundo as autoras, a quebra de simetria seria uma dessas leis.

Embora este trabalho não se filie à perspectiva da biolinguística, ao tratar a origem e evolução das formas parassintéticas levando em conta o mecanismo da quebra de simetria, pretende-se demonstrar a possível relação entre gramaticalização e quebra de simetria, conforme apontado pelas autoras acima.

Vale destacar que o ciclo de Jespersen, usado ao longo do capítulo como fenômeno comparável à evolução da parassíntese, também é referido na literatura linguística como um fenômeno de gramaticalização ((Vital, 1999; Kemenade, 2000; Abraham, 2003; Kiparsky e Condrovdi, 2006) e, assim, também se enquadraria na tentativa de relacionar quebra de simetria e gramaticalização.

### **3.6. Considerações finais do capítulo**

Neste capítulo, o enfoque foi o fenômeno da parassíntese em português e a existência de formações não parassintéticas expressando aspecto incoativo/causativo. Primeiramente, o conceito de parassíntese foi debatido, a partir de visões de autores da Gramática Tradicional, bem como de obras de linguistas, seja através de dicionários de Linguística, seja pelas obras especializadas em morfologia. Isso serviu para esclarecer e aprofundar o tema a ser debatido nas seções seguintes.

Em seguida, houve a introdução de três perspectivas, a quebra de simetria, a proposta da existência do traço [+incoativo] e a Gramaticalização, que serviriam de base para a hipótese e explicação desenvolvidas na seção final do capítulo. Ao

---

<sup>73</sup> No original: *“questions such as why languages change and why grammaticalization exists can be addressed on the basis of the existence of general laws governing the development and evolution of biological forms.”*

afirmar que formações parassintéticas são simétricas e apresentam o compartilhamento de um traço [+aspectual], explica-se a existência de formas como *endoidar* a partir da quebra de simetria, processo que visa a eliminar estruturas simétricas para alcançar o equilíbrio do sistema linguístico. Além disso, propõe-se que a quebra de simetria faz com que o traço [+aspectual] se transfira totalmente do sufixo para o prefixo. Relacionada a isso está a Gramaticalização, processo de evolução linguística que gera formas inovadoras e segue percurso unidirecional.

No caso do objeto de estudo desta dissertação, é possível dizer que, partindo do indo-europeu até o português, vê-se o início do sufixo *-sk-* e seu desaparecimento, a partir da erosão total da forma *-c-*, já no português brasileiro.

É também pela noção de que estruturas assimétricas trazem equilíbrio ao sistema que se explica a existência de formas como *branquear*. Embora não geradas diretamente a partir do rompimento da parassíntese, logo, não surjam via quebra de simetria, essas formações passam a vigorar na língua em substituição às estruturas parassintéticas. É interessante notar que isso, por outro lado, também traz desequilíbrio ao sistema: a existência de duas formações para o aspecto incoativo/causativo é também um tipo de simetria na língua.

Este capítulo é uma experimentação teórica e uma tentativa de ampliar a abordagem de quebra de simetria nos estudos linguísticos do Brasil e introduzir uma possível relação desse mecanismo com a gramaticalização.

Cabe fazer a ressalva que este capítulo não procurou se vincular a nenhuma tradição de análise linguística, embora haja diversas obras sobre o fenômeno da quebra de simetria vinculadas ao quadro gerativista (Moro, 1997; Barrie, 2010; Haider, 2013, Di Sciullo e Somesfalean, 2013; Di Sciullo, 2014).

## Capítulo 4: Considerações finais

Nesta dissertação, abordou-se a evolução do sufixo indo-europeu *-sk-* nas línguas indo-europeias, em especial no grupo românico, com foco nos desenvolvimentos do latim para o português.

Verificou-se que o morfe *-sk-* assumiu dentre as línguas indo-europeias diferentes noções aspectuais, ou ainda continuou sua possível função original de verbalizador.

Já no grupo românico, a forma latina *-sc-*, oriunda do indo-europeu *-sk-*, na maioria das línguas perdeu a noção aspectual. De um sufixo incoativo/causativo, permaneceu apenas o caráter verbalizador do morfe. Em línguas da península Ibérica, o aspecto incoativo foi mantido. No corsa, houve uma inovação: o aspecto associado ao sufixo foi o progressivo.

Especificamente para o português, esse estudo diacrônico levou à elaboração do percurso de origem das estruturas parassintéticas, além de seu desenvolvimento. Verificou-se que as estruturas parassintéticas tiveram origem a partir dos verbos incoativos latinos prefixados, como *incalescere* > *calescere*. Estipulou-se também formações como *endoidar* < *endoidecer* e *branquear* < *embranquecer*, todas de sentido causativo/incoativo.

Já na seção teórica da dissertação, além de uma discussão sobre os possíveis conceitos de parassíntese, foram elencadas três ferramentas para a análise teórica: a quebra de simetria, o traço [+incoativo] e a gramaticalização.

Como as estruturas parassintéticas fornecem dois morfemas para um mesmo morfema, estabelecem uma simetria, isto é, pontos de escolha para o sistema linguístico. Esses pontos de escolha geram um desequilíbrio e são eliminados via quebra de simetria.

O traço [+incoativo] está presente no sufixo *-sc-* latino e, na formação e evolução das estruturas parassintéticas, é compartilhado entre prefixo e sufixo. Na passagem das formas parassintéticas para as prefixais, como *endoidecer* > *endoidar*, o traço se transferiu totalmente do sufixo para o prefixo, permitindo que o sufixo desaparecesse.

Quanto à perspectiva da gramaticalização, propõe-se que o sufixo *-sk-* especializou-se no aspecto incoativo no latim, sob a forma do sufixo *-sc-*, via gramaticalização. Em seguida, ao serem prefixadas, as construções incoativas propiciaram que o prefixo e o sufixo no latim correspondessem à formação incoativa,



resultando na parassíntese do português. Essas formações parassintéticas, por sua vez, a partir do desgaste do sufixo *-c-*, resultando em sua erosão, permitiram a existência de formas apenas prefixais: *endoidar* > *endoidecer*, *enricar* > *enriquecer*.

A abordagem de quebra de simetria demonstra-se profícua para analisar fenômenos diacrônicos diversos. Dois exemplos para o português: a chamada transição de uma língua *pro-drop* para uma língua de sujeito obrigatório - sendo a etapa de sujeito parcial analisada pelo que Di Sciullo e Somesfalean (2013) chamam de *simetria flutuante*<sup>74</sup>, termo também usado na biologia por Palmer e Strobeck (1986) para etapas em que a simetria não foi eliminada do sistema, ao mesmo tempo que convive com estruturas assimétricas alternativas.

Finalmente, esta dissertação não tem por objetivo se encaixar dentro de alguma perspectiva teórica específica: é apenas uma análise formal de um fenômeno morfológico. O caráter especulativo trazido pela hipótese da quebra de simetria, da transferência de traços e sua relação com a Gramaticalização é realizada de modo genérico, sem explicitamente se vincular a alguma escola de pensamento sobre a linguagem. Notadamente, entretanto, este trabalho enquadra-se no grande quadro dos estudos formais da Linguística; se necessário for algum tipo de classificação, essa bastará.

## REFERÊNCIAS

---

<sup>74</sup> No original, *fluctuating symmetry*

ABRAHAM, W. Autonomous and non-autonomous components of 'grammaticalization': Economy criteria in the emergence of German negation. *STUF-Language Typology and Universals*, v. 56, n. 4, p. 325-365, 2003.

Academia de la Llingua Asturiana. *Gramática de la Llingua Asturiana*. Oviedo: Academia de la Llingua Asturiana, 2001.

ALI, M. Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Edições Melhoramentos, 1964.

ALKIRE, T.; ROSEN, C. *Romance Languages: A Historical Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

ALLEN, A. Reagrammaticalization and Degrammaticalization of the Inchoative Suffix. In: *Historical Linguistics*, 1993, editado por ANDERSEN, H. Amsterdã: John Benjamins Publishing Co., 1995.

\_\_\_\_\_. The Leader Verb as a Mechanism of Morphological Change. Proceedings of the Eighth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, editado por MACAULAY, A. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1982.

\_\_\_\_\_. The Development and Productivity of Prefixes. Proceedings of the Sixth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1980.

ALLIÈRES, J. *La Formation de la Langue française*. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.

\_\_\_\_\_. *Parlons Catalan: langue et culture*. Paris: L'Harmattan, 2000

ALMEIDA, N. M. de. *Gramática latina*. São Paulo: Saraiva, 2000.

ANTHONY, D. W. *The horse, the wheel, and language: how Bronze-Age riders from the Eurasian steppes shaped the modern world*. Princeton University Press, 2010.

BARRIE, M. Noun incorporation as symmetry breaking. *The Canadian Journal of Linguistics/La revue canadienne de linguistique*, v. 55, n. 3, p. 273-301, 2010

BATCHELOR, R. E.; CHEBLI-SAADI, M. *A reference grammar of French*. Cambridge University Press, 2011.

BATLLORI, M. et alii. *Grammaticalization and Parametric Variation*. Oxford University Press, 2005.

BEEKES, R.; VAAN, M. *Comparative Indo-European Linguistics: An Introduction*. Amsterdam: Jon Benjamins Publishing Co., 2011.

BLAYLOCK, Curtis. *The Romance development of the Latin verbal augment -sk-*. Romance Philology 28.

BENINCA, P.; HAIMAN, J. *The Rhaeto-Romance Languages*. London: Routledge, 1992.

BOOIJ, Geert. *The grammar of words: An introduction to linguistic morphology*. Oxford University Press, 2012.

BOLUFER, J. A. *Estudio Elemental de Gramática Histórica de la Lengua Castellana*. Madrid: Tip. de la Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos. 1903.

BOPP, F. *Grammaire Comparée des Langues Indo-Européennes*. Paris: Imprimerie Impériale, 1866

BOUCKAERT, R. et al. Mapping the origins and expansion of the Indo-European language family. *Science*, v. 337, n. 6097, p. 957-960, 2012.

BÖRJARS, K. Morphological status and (de) grammaticalisation: the Swedish possessive. *Nordic journal of linguistics*, v. 26, n. 02, p. 133-163, 2003.

\_\_\_\_\_; VINCENT, N. Grammaticalization and directionality. *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: OUP, 2011.

BORTOLUSSI, B.. *Bescherelle: la grammaire du latin:[les déclinaisons, la conjugaison, les règles de syntaxe, des exemples littéraires authentiques]*. Hatier, 2008.

BOURCIEZ, E. E. J. *Elements de Linguistique Romane*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1946.

BRADLEY, P. T.; MACKENZIE, I. *Spanish an Essential Grammar*. Londres: Routledge, 2004.

BRANDÃO, J. L. *Introdução ao grego antigo*. UFMG, 2005.

BROWN, Keith; MILLER, Jim. *The Cambridge dictionary of linguistics*. Cambridge University Press, 2013.

BRUGMANN, K. *A Comparative Grammar of the Indo-Germanic Languages*. Nova Iorque: B. Westermann & Co., 1891.

BRUNEAU, C.; BRUNOT, F. *Précis de Grammaire Historique de la Langue Française*. Paris: Masson et Cie, 1933.

BURROW, T. *The Sanskrit Language*. Delhi: Motilal Banarsidass Publishers, 2001

BUSSMANN, H. *Routledge Dictionary of Language and Linguistics*. Londres: Routledge, 1998.

CAPOZZOLI, R. *Grammatica del Dialecto Napoletano*. Nápolis: Luigi Ghiurazzi Editore, 1889.

CARLSON, G. N. Marking constituents. In: *Linguistic categories: Auxiliaries and related puzzles*. Springer Netherlands, 1983. p. 69-98.

CARROLL, S. B. Evo-devo and an expanding evolutionary synthesis: a genetic theory of morphological evolution. *Cell*, v. 134, n. 1, p. 25-36, 2008.

CHANTRAINE, P. *Morphologie Historique du Grec*. Paris: Éditions Klincksieck, 1973.

CLACKSON, J. *Indo-European Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

CLÉDAT, L. *Nouvelle Grammaire Historique du Français*. Paris: Garnier Frères, 1889.

\_\_\_\_\_. *Manuel de Phonétique et de Morphologie Romanes*. Paris: Librairie Ancienne Edoiuard Champion, 1925.

COJOCARU, D. *Romanian Grammar*. Slavic and East European Language Research Center (SEELRC), Duke University, 2003.

COLANTONI, L.; GURLEKIAN, J. Convergence and intonation: historical evidence from Buenos Aires Spanish. *Bilingualism: Language and cognition*, v. 7, n. 02, p. 107-119, 2004.

COMRIE, B. *Aspect: An introduction to the study of verbal aspect and related problems* (Cambridge Textbooks in Linguistics). 1976.

CONDE, X. F. *Elementos básicos de gramática occitana*. Manuscrito. 1999.

CONSTANZO, A. R. *Romance Conjugational Classes: Learning from the Peripheries*. Tese de doutorado. The Ohio State University, 2011.

COOPER, F. *Word Formation in the Roman Sermo Plebeius*. Tese de Doutoramento, Columbia College, Nova Iorque, 1895.

COUTINHO, I de L. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976

CRYSTAL, D. *A Dictionary of Linguistics and Phonetics*. Oxford: Blackwell Publishing, 2008.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 5ª edição. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CURTIUS, G. *The Greek Verb: Its structure and development*. Londres: John Murray, 1880.

DARMESTETER, A. *A Historical French Grammar*. Londres: Mcmillan, 1922.

DAUZAT, A. *Le Genie de la Langue Française*. Paris: Payot, 1947.

DEMOULE, J. P. *Mais où sont passés les Indo-Européens ? : Le mythe d'origine de l'Occident*. Seuil, 2014.

DI SCIULLO, A. M.. A biolinguistic approach to variation. *The Biolinguistic Enterprise: New Perspectives on the Evolution and Nature of the Human Language Faculty*, p. 305-328, 2011.

\_\_\_\_\_. Minimalism and I-Morphology. *Minimalism and Beyond: Radicalizing the interfaces*, p. 267-286, 2014.

\_\_\_\_\_; SOMESFALEAN, S. The Definite Determiner in Romanian: A Biolinguistic Perspective. *Australian Journal of Linguistics*, v. 33, n. 2, p. 121-139, 2013.

DJOUADI, A. The anatomy of electroweak symmetry breaking Tome II: The Higgs bosons in the Minimal Supersymmetric Model. *Physics reports*, v. 459, n. 1, p. 1-241, 2008.

ECKARDT, R. Grammaticalization and semantic reanalysis. *Handbuch Semantik*, p. 1-24, 2007.

ERNOUT, A. *Morphologie Historique du Latin*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1953.

FLOWER, H. I. (Ed.). *The Cambridge companion to the Roman republic*. Cambridge University Press, 2014.

FONSECA, Hely Dutra Cabral. Marcador negativo final no Português Brasileiro. *Cadernos de estudos lingüísticos*, v. 46, n. 1, 2011.

FORTSON IV, B. *Indo-European language and culture: an introduction*. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

FREYSSELINARD, E. *Grammaire et vocabulaire du catalan*. Paris: Ophrys, 2005.

GARNSEY, P.; SALLER, R. *The Roman Empire: economy, society and culture*. Bloomsbury Publishing, 2014.

GASPERINI, M.; VENEZIANO, G. The pre-big bang scenario in string cosmology. *Physics Reports*, v. 373, n. 1, p. 1-212, and 2003.

GIACOMO-MARCELLESI, M. *Corse*. Munique: Lincom Europa, 1997.

GIANNAKIDOU, Anastasia. The dependency of the subjunctive revisited: temporal semantics and polarity. *Lingua*, v. 119, n. 12, p. 1883-1908, 2009

GODEL, Robert. *An Introduction to the Study of Classical Armenian*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1975.

GÖNCZÖL-DAVIES, R. *Romanian, an essential grammar*. Nova Iorque: Routledge, 2008.

GOODWIN, W. *Greek Grammar*. Boston: Ginn & Company, 1900.

GRANDGENT, C. *An Introduction to Vulgar Latin*. Boston: D.C. Heath & Co. Publishers, 1907.

GROSS, David J. The role of symmetry in fundamental physics. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, v. 93, n. 25, p. 142-56, 1996.

HAIDER, Hubert. *Symmetry breaking in syntax*. Cambridge University Press, 2013.

HARRIS, M.; VINCENT, N. *The Romance Languages*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1990.

HARRIS, Zellig S. Discontinuous morphemes. In: *Papers on Syntax*. Springer Netherlands, 1981. p. 36-44.

HAVERLING, G. On the sco-suffix, on prefixes and on the development of the Latin verbal system. In: *Linguistic Studies on Latin: Selected papers from the 6th International Colloquium on Latin Linguistics (Budapest, 23 27 March 1991)*. John Benjamins Publishing, 1994. p. 41-53.

HAWKINS, R.; TOWELL, R. *French Grammar and Usage*. Londres: Arnold, 2003.

HEINE, B.; NARROG, H. (eds). *The Oxford Handbook of Grammaticalization*. Oxford University Press, 2011

HEINE, B.; KUTEVA, T.. *World lexicon of grammaticalization*. Cambridge University Press, 2002.

HENRIQUES, C. C.. *Morfologia: Estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

HOFFMAN, C. N. *Romanian: Reference Grammar*. Foreign Service Institute, U.S. Department of State, 1989.

HOFFNER, H. A.; MELCHERT, H. C. *A Grammar of the Hittite Language*. Winona Lake: EISENBRAUNS, 2008.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge University Press, 2003.

HÜBSCHMANN, Heinrich. *Armenische Grammatik*. Georg Olms Verlag, 1962.

IONIN, T.; MATUSHANSKY, O... The composition of complex cardinals. *Journal of Semantics*, v. 23, n. 4, p. 315-360, 2006

IORDAN, I.; MANOLIU, M. *Manual de Linguística Románica*. Madrid: Editorial Gredos, 1972.

JASANOFF, J. H. *Hittite and the Indo-European Verb*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

JESPERSEN, O. *Negation in English And Other Languages*. Compenhague: Bianco Lunos Bogtrykkeri, 1917.

JUNIOR, T. H. M. *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

KALE, Moreshwar Ramchandra. 1961. *A Higher Sanskrit Grammar*. Delhi: Motilal Banarsidass Publishers

KATAMBA, F.; STONHAM, J. *Morphology*. London: Tottenham Court Road, 2006.

KAZANAS, Demosthenes. Dynamics of the universe and spontaneous symmetry breaking. *The Astrophysical Journal*, v. 241, p. L59-L63, 1980.

KEMENADE, A. van .“Jespersen’s Cycle Revisited: Formal Properties of Grammaticalization”. In: Pintzuk, Susan, George Tsoulas & Anthony Warner (eds.) *Diachronic Syntax. Models and Mechanisms*, Oxford: Oxford University Press., 2000.

KIPARSKY, P.; CONDORAVDI, C. Tracking Jespersen's cycle. In: *Proceedings of the 2nd international conference of Modern Greek dialects and linguistic theory*. 2006. p. 172-197.

KRUG, M. G. *Emerging English modals: A corpus-based study of grammaticalization*. Walter de Gruyter, 2000.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. University of Pennsylvania Press, 1972.

LADUSAW, W. A. Negation, indefinites, and the Jespersen Cycle. In: Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, p.437-446. 2012.

LARRIVÉE, P. The pragmatic motifs of the Jespersen cycle: Default, activation, and the history of negation in French. *Lingua*, v. 120, n. 9, p. 2240-2258, 2010.

LASS, R. Remarks on (uni) directionality. *Pathways of change: grammaticalization in English*, ed. by Olga Fischer, Anette Rosenbach, and Dieter Stein, 207–227. 2000.

LAUFFENBURGER, O. *Hittite Grammar*. (2008). Disponível em: [http://www.premiumwanadoo.com/cuneiform.languages/hittite\\_grammar.pdf](http://www.premiumwanadoo.com/cuneiform.languages/hittite_grammar.pdf)  
Acessado em: 07/12/2014

LAUSBERG, H. *Linguística Românica*. Madrid: Editorial Gredos, 1965.

LEDGEWAY, A. *Grammatica Diacronica del Napoletano*. Tubinga: De Gruyter, 2009.

LEHMANN, Christian. Latin preverbs and cases. *Latin linguistics and linguistic theory*. Amsterdam: Benjamins, p. 145-165, 1983.

LINDSAY, W. M. *The Latin Language*. Oxford: Clarendon Press, 1894.

LUCAS, Christopher. Jespersen's cycle in Arabic and Berber<sup>1</sup>. *Transactions of the Philological Society*, v. 105, n. 3, p. 398-431, 2007.

LURAGHI, S. *Hittite*. Munique: Lincom Europa, 1997.

MACHADO, R. *Questões de Gramática Latina*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1941.

MAIDEN, M; ROBUSTELLI, C. A reference grammar of modern Italian. Routledge, 2014.

MALLORY, J. P. *In search of the Indo-Europeans: language, archaeology and myth*. London: Thames and Hudson, 1989.

MALLORY, J. P.; ADAMS, D. Q. *The Oxford Introduction to Proto-Indo-European and the Proto-Indo-European World*. Oxford University Press, 2006.

MARSTRANDER, C. J. S. *Caractère indo-européen de la langue hittite*. Det Norske Videnskaps Akademi, Klasse 1918.



- MATASOVIĆ, R. *A Grammatical Sketch of Classical Armenian*. Zagreb, 2009.
- MATTHEWS, P. H.. *The concise Oxford dictionary of linguistics*. Oxford University Press, 2007.
- MAURER JR, T. H. The Romance Conjugation in-ēscō (-īscō)-īre: Its Origin in Vulgar Latin. *Language*, p. 136-145, 1951
- \_\_\_\_\_. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro : Livraria Acadêmica, 1959.
- MEILLET, A. *Introduction à l'étude comparative des langues indoeuropéennes*. Paris : Librairie Bachette et Cie, 1908.
- \_\_\_\_\_. *Traité de grammaire comparée des langues classiques*. Paris: Libr. ancienne Honoré Champion, 1968
- MERCER, J. L. da V. O futuro nas linguas românicas. In: *Revista da ABRALIN*, v. Eletrônico, n. Especial, p. 385-394. 1ª parte 2011
- MEUL, C. 2010. The intra-paradigmatic distribution of the infix -I/ESC- from Latin to Modern Romance: morphemic patterning and beyond. *Morphology* 20.1-40.
- NEWMAYER, F. J. *Language Form and Language Function*. Cambridge, MA: MIT Press, 1998
- MOLL, F. de B. *Gramática Histórica Catalana*. Madri: Gredos, 1952
- MORO, A. Dynamic Antisymmetry: Movement as a Symmetry-breaking Phenomenon. *Studia Linguistica*, v. 51, n. 1, p. 50-76, 1997.
- MÜLLER, Gerd B. Evo–devo: extending the evolutionary synthesis. *Nature Reviews Genetics*, v. 8, n. 12, p. 943-949, 2007.
- NORDHOFF, S. *A grammar of upcountry Sri Lanka Malay*. Utreque: LOT, 2009.
- OLIVEIRA, M. J.. Aspecto núcleo licenciador da alternância incoativa. Dissertação de Mestrado. Universidade federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2011.
- \_\_\_\_\_. O morfema INCH e a alternância causativo-incoativa em PB. *Domínios de Lingu@gem*, v. 9, n. 3, p. 91-103, 2015.
- OLIVEIRA, S. M. Aspecto da derivação prefixal e sufixal no português do Brasil. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. 2009.
- OREL, V. *A Concise Historical Grammar of the Alanian Language: reconstruction of Proto-Albanian*. Leida: Brill, 2000.

PALMER, A. R. Symmetry breaking and the evolution of development. *Science* 306:828-833, 2004.

\_\_\_\_\_. From symmetry to asymmetry: Phylogenetic patterns of asymmetry variation in animals and their evolutionary significance. *Proceedings of the National Academy of Sciences (USA)* 93:14279-14286, 1996

\_\_\_\_\_; STROBECK, C. Fluctuating asymmetry: measurement, analysis, patterns. *Annual review of Ecology and Systematics*, p. 391-421, 1986..

PEI, M.; GAYNOR, F.. *A dictionary of linguistics*. Philosophical Library, 2007.

PENNY, R. J. *A History of the Spanish Language*. Cambridge: Cambridge University Press. 2002.

PERELTSVAIG, A.; LEWIS, M. W. *The Indo-European Controversy*. Cambridge University Press, 2015.

PIDAL, R. M. *Manual de Gramática Histórica Española*. Madrid: Espasa-Calpe S.A., 1989.

PIÑÓN, C. A finer look at the causative-inchoative alternation. In: *Semantics and Linguistic Theory*. 2001. p. 346-364.

PISANI, V. *Grammatica Latina Storica e Comparativa*. Turim: Rosenberg & Sellier, 1948.

RENFREW, C. *Archaeology and language: the puzzle of Indo-European origins*. CUP Archive, 1990.

RENOU, L. 1952. *Grammaire de la langue védique*. Lyon: IAC.

ROMANELLI, R. C. *O Supletivismo indo-europeu na morfologia latina*. Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1975.

ROWLETT, P. *Sentential negation in French*. Oxford University Press, 1998.

Servisc de Planificazion y Elaborazion dl Lingaz Ladin. *Gramatica dl LadinStandard*. Bolzano, 2001.

SATTINGER, D. H. Bifurcation and symmetry breaking in applied mathematics. *Bulletin of the American Mathematical Society*, v. 3, n. 2, p. 779-819, 1980.

SIHLER, A. *New Comparative Grammar of Greek and Latin*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

SILVA, T. C. A.; CAMPOS, C. S. O. Variação fonológica em verbos com terminações em–ear (chantagear) e–iar (variar). *Fórum Linguístico*, v. 5, n. 1, p. 13-27, 2009.

STICH, D. *Parlons Romanche: La Quatrième Langue Officielle de la Suisse*. Paris: L'Harmattan, 2007.

SOUSA, L.T. de. Formas Reduzidas de Itens Negativos no Português Brasileiro. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, 2007. 113p.

SPENCER, A.; ZWICKY, A. M. (Ed.). *The handbook of morphology*. Oxford: Blackwell, 1998.

SMYTH, H. *Greek Grammar*. Harvard: Harvard University Press, 1956.

TRASK, R. L. *A Dictionary of Grammatical Terms in Linguistics*. Psychology Press, 1993.

VÄÄNÄNEN, V. *Introducción al latín vulgar*. Madrid: Editorial Gredos, 1985.

VAN DEN HOUT, T. *The elements of Hittite*. Cambridge University Press, 2011

VARENNE, Jean.. *Grammaire du Sanskrit*. Paris: Presses universitaires de France. 1971

VITRAL, L. A Negação: Teoria da Checagem e Mudança Lingüística. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 15, n. 1, p. 00-00, 1999.

VITRAL, L. *et alli.* . Inovação versus mudança: a interseção gramaticalização/ teoria da variação e mudança. In :VITRAL, L. COELHO, S. (orgs). *Estudos de Processos de Gramaticalização Em Português: Metodologias e Aplicações*. Mercado das Letras, 2010.

WHEELER, M.; YATES, A.; DOLS, N. *Catalan: A Comprehensive Grammar*. Londres: Routledge, 2003.

WHITNEY, W. D. *A Sanskrit Grammar*. Leipzig: Breitkopf & Härtel, 1896.

ZERDIN, Jason. The 'iterative-intensives' in-skon. *Oxford University Working Papers in Linguistics, Philology & Phonetics*, v. 7, p. 103-130, 2002.

\_\_\_\_\_. *Studies in the ancient Greek verbs in-skō*. Tese de Doutorado. University of Oxford, 1999.